

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APP AI

... CORREIOS ...

PLURALIDADE
COMO AS
MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS PODEM
INSPIRAR A TURMA,
AMPLIAR SABERES
E AINDA SER O
ACONTECIMENTO
DA ESCOLA

APLICATIVOS
ELES ESTÃO COM TUDO
E PRONTOS PARA
POTENCIALIZAR O
APRENDIZADO ENTRE
SEUS ALUNOS

SÍRIA:

UM TERRITÓRIO MINADO

ENTENDA O CONFLITO, A SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS E OS IMPACTOS DA GUERRA NO CENÁRIO MUNDIAL QUE, ALÉM DA MAIOR TRAGÉDIA HUMANITÁRIA DOS ÚLTIMOS TEMPOS, AINDA DEIXOU MAIS DE 2 MILHÕES DE CRIANÇAS FORA DA SALA DE AULA



Opinião

A Gestão das Escolas como Empresas

Daniele Cruz¹

Não é nenhuma novidade o fato de estarmos em um país capitalista. Também não é novidade o fato de nosso sistema educacional buscar cada vez menos a formação integral e mais a formação de mão de obra para atender às demandas do mercado. Nem trataremos aqui da questão do currículo e das disciplinas de filosofia e sociologia, tão latente nas discussões dos últimos tempos.

O grande debate educacional em torno da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), de 1996, e seus dispositivos de regulamentação, como decretos, pareceres e resoluções, inicialmente tinha um foco na educação básica, mas, em função da situação econômica e política, estendeu suas preocupações para o ensino médio e profissional.

- Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

- Art. 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Não é novidade o fato de o empresariado vir buscando de diversas formas articular o sistema educacional aos interesses empresariais, para ter maior controle sobre as ações e o desempenho das escolas. Precisam de um profissional flexível, adaptável, bem no contexto globalizado. Inclusive com a legislação nessa vertente, por exemplo com a terceirização.

Primeiro, obriga os diretores a fazerem MBA em gestão, depois imputam os gráficos de acompanhamento de resultados, avaliação de desempenho, entre outros termos mercadológicos pertencentes às empresas. Em um outro momento atrelam uma remuneração variável de gratificação e bonificação de professores a esses resultados. Colocam supervisores nas escolas para mapear os resultados dos diretores.

Tratam professores como empregados, em uma política meritocrática e de exploração. Agora falta pouco para tratarem os alunos como clientes e a educação como mercadoria.

A que ponto chegamos? Há de se refletir a respeito, há de haver uma retomada de nossa posição de educadores que prezam pela identidade do espaço escolar, pela autonomia do professor, pela formação do aluno e pela valorização de nossa educação, para os fins de desenvolvimento da nossa nação.

¹ Daniele Cruz é Mestre em Educação, Professora da Rede Estadual e Professora da Universidade Estácio de Sá na graduação e pós-graduação.

**EXPE
DIEN
TE**

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Jéssica Almeida, Richard Günter, Sandra Martins e
Yasmin Araújo Gundin.

Fotografia
Marcelo Ávila

Direção de Arte
Marcel Schocair Costa

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 85.000 (oitenta e cinco mil)

Impressão e distribuição
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a
redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200



Criar é ler o mundo com os olhos de criança

Leo Fraiman²

Quem tem filhos pequenos ouve constantemente a expressão, nos momentos em que brincam, “de novo, de novo, de novo!”. Elas adoram brinquedos, pois com eles vivem a oportunidade mágica da criação, a exploração de possibilidades, podem testar experiências e montar novos cenários.

Não brincamos somente com brinquedos. Uma das atividades humanas mais prazerosas se dá com a própria imaginação. Com a leitura, o cérebro e o corpo como um todo também são ativados. Afinal de contas, ao ouvir enredos, ao entrar em contato com aventuras, ao explorar os mais diversos sentimentos e sensações, aquilo que se lê vai tomando forma dentro de nós, colorindo nossa alma e nos trazendo vida. António Damásio, um dos mais importantes neurocientistas da atualidade, no livro “E o cérebro criou o homem”, aponta que o cérebro processa a realidade por meio de imagens.

Um dado interessante é que nossa mente funciona mais ou menos como uma biblioteca: tudo que vivemos de forma intensa e significativa se torna como um livro interno dentro de nosso acervo

mental. A cada dia, com as experiências da vida, com as brincadeiras e as leituras, formamos um grande patrimônio neurológico, e daí vem a expressão “ter uma mente fértil”. Nos momentos em que queremos ou precisamos criar, é a esse acervo que recorremos e é por isso que há um consenso na literatura científica sobre a importância do ato de brincar e ler para a saúde e até mesmo para a felicidade. Isso vale para a infância, bem como para a maturidade.

Uma dica interessante que pode tornar nossa vida mais agradável e até mais produtiva é, antes de iniciar uma tarefa muito trabalhosa ou estressante, ou até no começo da manhã, entrar em contato com essa criança interior e lembrar alguma brincadeira, ler algum conteúdo leve e agradável ou inspirador. Claro que nada disso se compararia a tirar uns minutinhos de manhã para brincar com os filhos em casa, não somente como um gesto de carinho, mas sim para alimentar nossa própria porção infantil e assim sair de casa com o coração mais aquecido e a mente mais aberta ao novo, ao lúdico, à criatividade.

Você pode exercitar sua criatividade de diversas formas: dando uma caminhada para casa por novas ruas, fazendo desenhos (sim, podem ser rabiscos), ouvindo músicas novas, observando crianças brincando, lendo livros a que não está acostumado, reorganizando suas roupas ou mesmo usando novos trajes ou looks no dia a dia. Nada disso é perda de tempo. É ganho de vida.

² Leo Fraiman é Professor, Mestre e especialista em Educação, Psicoterapeuta, Escritor e Palestrante.

A BIENAL E A LÍNGUA PORTUGUESA

Por Sandro Gomes*



Estamos na proximidade de mais uma bienal do livro na Cidade Maravilhosa. Um evento que sempre se destaca, entre outras coisas, como uma festa da Língua Portuguesa, celebrando obras e autores que vão entrando para o acervo, cada vez mais global, da língua de Camões. Ocasões como essa são sempre propícias para refletir sobre o momento atual do nosso idioma, que para nós brasileiros é um dos símbolos nacionais, fazendo jus a isso, na medida em que é um dos poucos exemplos em nível mundial de países com grandes extensões territoriais e diversidade cultural onde uma única língua satisfaz a função comunicativa e garante a integração entre uma quantidade muito grande de pessoas.

Em termos mundiais os números da língua portuguesa também são bastante relevantes, apesar de à primeira vista não parecer. Algo em torno de 260 milhões de pessoas no planeta a utilizam, o que faz com que seja atualmente a quarta mais falada no mundo, perdendo apenas para o mandarim, o inglês e o espanhol. É também a terceira mais empregada no Ocidente, a mais utilizada no hemisfério sul da terra e uma das poucas presentes em quase todas as latitudes do planeta (só não está na Oceania).

As projeções para o futuro também são animadoras com relação à expansão do idioma. Segundo dados recentes divulgados pela ONU, é provável que em 2050 o número de falantes chegue a quase quatrocentos milhões. Outro dado interessante é que essas previsões afirmam que a explosão demográfica hoje observada em países africanos como Angola e Moçambique deverá fazer com que os falantes de português desse continente ultrapassem o do Brasil lá pelo final do século XXI, quando se deverá chegar a meio bilhão de usuários de língua portuguesa no mundo.

O papel do nosso país até o momento atual da língua portuguesa tem sido de grande importância. O “dono” da língua, o pequeno e discreto Portugal, para ver seu idioma desfrutar da abrangência mundial que possui, teve que contar com a colaboração de sua maior colônia. O Brasil, com seus aproximada-

mente 206 milhões de habitantes, responde por 80% dos usuários da língua portuguesa, e tem exercido influência em todo o mundo lusófono, através dos nossos escritores, mas também por meio da música, das artes cênicas e das comunicações.

Por isso é preciso considerar que cada festa da língua portuguesa, como são as bienais, representa o momento em que gente de todo o planeta, que acaba comparecendo em eventos dessa magnitude, toma contato com um universo específico de nosso idioma, de forma que cada professor, cada estudioso, cada acadêmico, cada escritor, mas também cada leitor ou apenas falante, somos todos, de uma forma ou de outra, cultores de uma língua, construtores de um imenso acervo cultural, trabalhadores que dia a dia aumentam o patrimônio de uma parte da humanidade e o deixam para o conhecimento universal, para a memória da espécie humana. O protagonismo recai sobre todos aqueles que de alguma forma têm como materna a língua de Camões, mas também de Machado, de Smedo, de Agualusa, de Mia Couto, de joões, de marias, de beltranos, fulanos e sicranos...

Enfim, pra terminar esse texto, aproveito primeiro para expressar a minha felicidade de poder estar em contato diário com essa língua em condição, digamos, mais especial do que a de mero falante, o que já não seria pouca coisa. Como profissional que tem como matéria-prima esse idioma, sou levado diariamente a vivenciar a gratificante experiência de penetrar num acervo tão rico de histórias, ideias, sensações e pensamentos. Cada palavra traz em si um universo indefinível de significados, de vivências humanas que ajudaram a construir uma cultura multicontinental como a que parte da Península Ibérica e que já é, por si só, o resultado de tantas outras culturas, línguas e povos.

*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Colunista do *blog* da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

Matemática

MATEMÁTICA E *GAMES*? EIS A QUESTÃO!



Projeto vencedor do Educador Nota 10 desafia a criação de jogos digitais de forma colaborativa e estimula a curiosidade dos alunos na área das exatas



Já imaginou chegar na escola e dedicar sua aula àquilo em que a garotada é mais fissurada em suas rodas de amigos, como o videogame, por exemplo? O professor Greiton Toledo, da Escola Municipal Irmã Catarina Jardim Miranda, vem fazendo sucesso com a turma ao aplicar a disciplina de Matemática na criação de jogos digitais.

O Mattics, nome de batismo do projeto, foi idealizado não somente para satisfazer o gosto dos estudantes pelos jogos digitais ou para prepará-los a seguir uma carreira profissional como programadores, mas para incentivá-los, por meio das tecnologias e das atividades colaborativas, a pensar e a expressar suas ideias matemáticas de forma crítica. Assim, a atividade nasceu de uma necessidade de atender os estudantes que apresentavam dificuldade na disciplina e também para incentivar aqueles que apresentavam bons rendimentos.

A temática abordada está sempre ligada a questões com que os alunos convivem na comunidade no dia a dia. “Vendo as salas de aula sujas ou o problema do desperdício de água, eles criam jogos em que o objetivo é coletar água limpa ou então recolher o lixo jogado nos rios ou nas ruas, por exemplo”, explica o docente.



**“Esse prêmio é como se fosse o Oscar da educação básica. Mostra que estamos no caminho certo, provando que matemática é para todos”.
Greiton Toledo**

Para cada encontro planejado pelo professor Greiton com seus alunos, há uma descrição detalhada de objetivos, recursos e atividades, como em qualquer sequência didática. O que diferencia a metodologia, além de explicações dos próprios jogos, é que para cada aula há sempre uma tabela em que são listados os conhecimentos conceituais (os de matemática e de geometria), os procedimentais (os relacionados à programação) e os atitudinais (por exemplo trabalhar bem em grupo, saber ouvir e ajudar o colega). “Desenvolvo projetos de matemática que condenam tarefas mecânicas, repetitivas, que não contribuem de maneira significativa para o aprendizado do estudante. Nas minhas aulas, eu sempre trabalhei atividades exploratórias, sem conceitos prontos, para que os alunos desenvolvam o senso crítico e expressem suas ideias através da matemática”, relata.

O projeto é desenvolvido duas vezes por semana, em contraturno. Nesses encontros, os estudantes usam programa para criar jogos que envolvem temáticas como o meio ambiente, por exemplo. Na plataforma, são desenvolvidos itens, como a lógica de como movimentar os personagens pelo espaço e também quais os objetivos de cada jogo. “Os alunos sabem que têm que deslocar o boneco para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita. No início, falamos em altura e comprimento.

Mas depois chamamos de X e Y, que são os nomes usados no plano cartesiano. Para andar para cima, é positivo, para baixo, negativo. Então eles trabalham com números inteiros”, ratifica o professor.

Inicialmente, os alunos eram desafiados a estabelecer temáticas e em seguida divididos em grupos para iniciar a construção dos *games*. Os próprios estudantes desenharam o futuro jogo, discutiram objetivos e desenvolveram as linguagens computacionais, com o auxílio do coordenador do projeto e professores voluntários. Aos poucos, foram se deparando com problemas matemáticos e, mesmo sem terem sido ainda apresentados aos conceitos, aprenderam a desenvolver conteúdos com plano cartesiano, números negativos e funções. “Com o Mattics temos, por meio de atividades lúdicas e investigativas, o terreno fértil para fomentar um ambiente construcionista que pensa a matemática criando significados e dando sentido ao mundo a partir de situações cotidianas”, esclarece Greiton.

Ao longo das atividades os estudantes ainda foram desafiados a questionar os jogos concebidos pelos demais colegas. Assim, aos poucos foram se habituando a pensar matematicamente rompendo com o ciclo de aprendizagem baseada na apresentação de conceitos e fórmulas prontas.

O sucesso das aulas de *game* e Matemática foi tão intenso que o professor viu a oportunidade

de inscrevê-lo naquele que é considerado o “Oscar da Educação”, o Prêmio Educador Nota 10 2016. Não deu outra, o projeto foi finalista e vencedor junto com os trabalhos de mais 9 educadores do país. De acordo com Saddo Ag Almouloud, coordenador do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da PUC SP e selecionador do Prêmio Educador Nota 10, o criador do Mattics valoriza a atividade do sujeito na construção e apropriação de saberes matemáticos e computacionais. “Os estudantes exploraram conteúdos que não costumam ser vistos no 6º ano, como, por exemplo, números negativos, sistema de coordenadas, desigualdade entre incógnitas etc. Apesar disso, eles foram, aos poucos, compreendendo esses pontos através da descoberta, dos questionamentos e do processo de reflexão entre o significado e o conceito dos termos matemáticos aliados às estruturas computacionais, atuando de forma ativa e participativa”, enaltece Saddo.

De acordo com Greiton, os alunos estranharam as aulas inicialmente, mas com o tempo as coisas começaram a dar certo e os alunos a se empolgar com o projeto. Logo, as aulas de Matemática passaram das mais odiadas às mais queridas e disputadas. Para a estudante Sarah Castro Coelho, de 12 anos, o projeto não é só construir jogos. “É aprender matemática de uma maneira diferente, já que eu não gostava muito da matéria. Mas, com o Mattics, eu descobri que construir jogos é muita matemática, a gente usa variáveis, números negativos e positivos”, diz a aluna.

Já para Vitória Borges Seco, também de 12 anos, que sempre gostou e teve facilidade em Matemática, o projeto veio reforçar essa paixão pela disciplina e ajudar a interligar e melhorar outras matérias. “Sempre gostei mais dessa matéria e acabava auxiliando outros alunos que tinham dúvidas. Mas o Mattics me ajudou a melhorar o português, porque você precisa escrever a história e falas dos jogos”, revela.

Descrição: O Mattics ensina estrutura computacional por meio do Scratch e estimula o desenvolvimento do pensamento matemático dos alunos ao construir um *game* de forma problematizada. Neste ano, o projeto quer ampliar as suas ações para mais escolas públicas e pretende auxiliar no tratamento do Mal de Parkinson, para uma formação mais humana e corresponsável.

Público-alvo: Alunos do Fundamental II, professores, coordenadores pedagógicos, pacientes idosos em tratamento com Mal de Parkinson.



■ Por Richard Günter

Fontes: Fundação Victor Civita | Nova Escola | G1
Escola Municipal Irmã Catarina Jardim Miranda
Rua Goiás APM 02 – Vila São João – Senador
Canedo/GO

CEP: 75250-000

Tel.: (62) 3275-3708

Coordenador do Projeto: Greiton Toledo de Azevedo
Fotos cedidas pela escola

APP... UM CAMINHO SEM V

Saiba como utilizar os aplicativos educacionais e potencializar o aprendizado



OLTA



Os *smartphones*, tão utilizados hoje em dia em função das mensagens instantâneas, como o WhatsApp, e das redes sociais, como o Facebook, têm se tornado, no entanto, muito mais versáteis e funcionais no

que diz respeito à educação do que se pode imaginar. Os celulares podem ser utilizados de maneira muito prática e dinâmica em sala de aula, com diversos aplicativos sendo desenvolvidos para ajudar e aprimorar as atividades escolares. E, diante desse cenário, muitos professores têm apostado no uso de apps com o intuito de preparar o conteúdo com informações mais práticas e principalmente garantir maior interatividade no ambiente.

Hoje, tanto os docentes quanto os alunos estão aderindo ao uso dos aplicativos e *softwares* que potencializam o aprendizado. Um exemplo é o Edmodo, um recurso gratuito para iOS e Android que facilita a interação e conexão entre os educadores e os estudantes, pois permite o envio de mensagens, trabalhos e confere os eventos quando os alunos estão fora da sala de aula. Além disso, professores podem enviar alertas para todos e até armazenar as notas.

O mestrando em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento e professor, Renato de Aguiar Corrêa, ministra essa disciplina nos ensinos Fundamental e Médio de um colégio particular em Belo Horizonte e explica que os alunos desenvolvem projetos utilizando a informática como ferramenta de aprendizado, o que potencializa o seu interesse e criatividade.

E para que a tecnologia seja aplicada de forma efetiva na metodologia de ensino, os professores precisam estar capacitados. De acordo com Renato, que também dá treinamento profissional, os educadores de hoje se formaram em escolas tradicionais e há um choque de realidade quando entram em uma sala de aula para lecionar para alunos tão acostumados com a tecnologia. “Muitos professores têm grande aversão à adoção desses novos recursos educacionais e isso faz com que continuem adotando práticas antigas de ensino”, diz o docente,

que procura disponibilizar o máximo de ferramentas possíveis que integrem o trabalho do professor tanto de forma pedagógica quanto administrativa. “O diário de classe, por exemplo, já não é mais de papel. O compartilhamento de informações em nuvem com a secretaria escolar e família já é uma realidade”, explica. Agora, o professor pode deixar de lado aquela pilha de cadernos e livros para cada disciplina e dispensar as famosas folhas de papel com exercícios para fazer em casa, que eram distribuídas nas salas antes de terminar a aula.



iStudiez Pro

Este eficiente aplicativo organiza os cronogramas das aulas, mantém o controle de trabalhos que devem ser entregues e faz listas de tarefas diárias. É ótimo para estudantes do Ensino Médio.

O aplicativo permite organizar a vida acadêmica, centralizando seu calendário de provas, tarefas pendentes e notas nas matérias, tudo numa interface simples de lidar e com informações sincronizadas na nuvem.

Em “Calendário”, você encontra os horários das matérias (os dias com provas ficam em destaque); em “Tarefas”, são listados os trabalhos pendentes por data, matéria ou prioridade; em “Professores”, é possível guardar as informações de contato dos docentes. E é claro que existe uma tela só para mostrar os próximos feriados.

A vantagem de manter o material no iStudiez é que tudo foi feito sob medida: dá para acompanhar de perto o desempenho em cada disciplina, registrando as notas das avaliações ou trabalhos, não importando se sua faculdade usa número, letra ou outra escala qualquer. Além disso, a interface é bem intuitiva, diferenciando tudo com etiquetas e ícones coloridos.



Evernote

Já este aplicativo permite que os professores criem notas e conteúdos em diferentes formatos, como texto, áudio, vídeo e imagens. Além disso, todos os recursos podem ser compartilhados. A ferramenta também pode ser utilizada por meio de um desktop.

Uma das funcionalidades mais úteis deste *app* é sua pesquisa. Se você é do tipo que tem dificuldade de organização e, mesmo com todos os recursos disponíveis, simplesmente começa a empilhar tudo como se não houvesse amanhã, o Evernote auxiliará você na hora de procurar, bastando para isso pesquisar palavras chaves dentro do *software* para encontrar o

arquivo desejado. Ele inclusive pode buscar dentro de PDFs e tem prioridade de reconhecimento óptico de imagens para clientes com conta Premium.



Grammar Up HD

Esse aplicativo é ótimo para professores de inglês e estudantes que desejam aprimorar seus conhecimentos no idioma. É um *quiz* de múltipla escolha com mais de 1.800 palavras em 20 categorias.

O *app* pode ajudar os alunos a melhorar a sua gramática, a seleção de palavra e vocabulário, além de oferecer uma oportunidade de aperfeiçoar as estratégias para sucesso nessa disciplina. A pesquisa sugere que as crianças e adultos aprendem mais rapidamente quando se praticam jogos de aprendizagem em tempo real.



History: Maps of World

Ilustra as cartografias geográfica e geopolítica dos lugares através dos tempos, permitindo assim um cruzamento entre as matérias de História e Geografia.

O usuário pode procurar pela localização que deseja ver entre os 178 mapas disponíveis. O app os agrupa por categoria ou era. Ao clicar em uma localização, a pessoa pode acessar também sua história, possibilitando assim visualizá-la do jeito que era antigamente e da forma atual. Desse modo, o estudante pode ver como as fronteiras e projeções mudaram durante os anos.

Com esse sistema, o aplicativo cria uma forte ligação entre ambas as disciplinas, ajudando o aluno a compreender melhor o plano geral do que é o mundo. O app é recheado de informações e é inovador pela simplicidade com que as apresenta. Tanto o professor quanto o aluno podem se beneficiar imensamente, tornando as aulas mais dinâmicas e alimentando a vontade do saber pela sua interface fácil e divertida.



Professor Garfield Cyberbullying

Esse excelente *app* transmite lições e mensagens *antibullying* com estratégias para lidar com esse tipo de situação. Explica o significado do *cyberbullying*, ensina o reconhecimento de diferentes tipos de *bullying* e disponibiliza diversas estratégias para enfrentar esse problema.

Através de tiras e historinhas, o personagem Garfield, o gato mais famoso dos desenhos animados,

vai delineando uma narrativa que conduz ao pensamento crítico dessa questão que afeta muitos jovens dos ensinos Fundamental e Médio.

O professor que deseja trabalhar essa temática em sala de aula pode adaptar as ilustrações aos acontecimentos do cotidiano dos alunos.

■ Por Richard Günter

Fontes: Canal do Ensino | Universia

MENTE SÃ E CORPO SÃO: UMA EQUAÇÃO SEM INCÓGNITAS

Projeto incentiva alunos a uma alimentação mais saudável e ao convívio entre si





Em um momento como o que vivemos atualmente, de muita turbulência em todo o mundo, as pessoas se tornam cada vez mais ansiosas e agitadas, o que se reflete na convivência das famílias. A questão do consumismo exagerado também contribui para que todos se preocupem mais com o ‘ter’ do que com o ‘ser’. A essência do ‘ser’ está ficando em segundo plano”. Com essas palavras a professora Sonia Maria Braga, diretora pedagógica e fundadora da Meimei Escola Montessoriana, destaca a importância do projeto que tem como foco “corpo e mente”. A programação foi pensada como um espaço para a reflexão que poderá levar a uma mudança de comportamento que a escola considera necessária.

Para Sonia, esse acontecimento – que já faz parte do calendário oficial de eventos da instituição – é uma forma de reunir a comunidade escolar: alunos, familiares e profissionais, e fazer com que, juntos, dediquem um tempo para reavaliar e renovar posturas em relação à alimentação mais saudável, ao convívio entre si, a terem contato com métodos que auxiliam a tranquilidade individual, como relaxar, falar calmamente, serem mais conscientes do próprio corpo, mantendo-se, assim, mais saudáveis, mais harmonizados.

Com isso, a escola aproveita para trabalhar diversas questões anteriormente abordadas em sala de aula e que são apresentadas também aos pais e familiares no dia do evento. As atividades foram desenvolvidas de forma interdisciplinar e todas as turmas, desde as de Educação Infantil até as do Ensino Médio, participaram do trabalho.

Foram realizadas atividades como aula de ioga e de linha (uma dinâmica tipicamente Montessoriana que trabalha questões como concentração, atenção, relaxamento e autoconhecimento), além de uma oficina de criação de horta vertical de temperos. Mais que isso, aconteceram atividades lúdicas para todas as idades, como pular corda, uma sala de barulho e outra de silêncio, informações sobre alimentação saudável, entre outras coisas.

Vergínia Khouri, educadora e tutora dos agrupamentos V e VI, conta que achou a culminância do projeto maravilhosa. “Conseguimos trabalhar temas que suscitaram reflexões, desde a forma de pensar e sentir a vida à prática diária, com a responsabilidade, a consciência e a conectividade que cabe a um cidadão cósmico. As atividades desenvolvidas despertaram emoções, sentimentos e pensamentos sintonizados com o objetivo principal do evento, que era promover reflexão e mudanças de hábitos”, explica.

Além dela, Claudia Soldati, que é professora e mãe do estudante Rafael, do agrupamento IV, enaltece que é muito gratificante observar o envolvimento dos alunos. “Nessas atividades, além do conhecimento construído por eles, são estimuladas habilidades como pesquisa, trabalho em equipe, respeito, companheirismo e expressar-se em grupo. Através dessa vivência, a aprendizagem ocorre de maneira significativa e prazerosa”, destaca a educadora.

Para Camila de Almeida, mãe da aluna Caroline, do agrupamento III, esse evento apareceu como uma novidade, pois foi o primeiro de que ela participou na escola. “Iniciamos a nossa expectativa a partir do momento em que a estudante começou a pedir para pesquisar, falou que queria fazer sozinha, explicava que era sua responsabilidade e estava fazendo uma surpresa. No sábado, não só a Carol estava ansiosa, mas também nós estávamos, por ser a primeira vivência da escola que escolhemos com todo o carinho.

“Nessas atividades, além do conhecimento construído por eles, são estimuladas habilidades como pesquisa, trabalho em equipe, respeito, companheirismo e expressar-se em grupo.”

Já na porta fomos recebidos com os sorrisos que acolhem nossas manhãs. Foi incrível perceber como os profissionais orquestravam o evento dando voz às crianças que estavam completamente envolvidas. Vi realmente a minha filha falando e não uma repetição de dados decorados. Cada detalhe mostrava a delicadeza do processo. Além de ter me emocionado com o andamento do dia, ainda pude ter uma manhã imensamente agradável, com atividades que fazem a gente entrar em contato com sutilezas da vida”, enaltece Camila.

Para Yael de Abreu Villaça, mãe dos alunos Milena, do agrupamento IV, e Ian, do II, o principal ponto positivo foi o envolvimento das crianças e adolescentes em todos os processos: desde escolher a atividade, passando por como organizar e como executar a atividade escolhida. “Mostrou-se de forma evidente que eles assumiram a responsabilidade e estavam orgulhosos disso. Fiquei positivamente impressionada com a criatividade dos alunos e com o grau de interação que as atividades permitiram ocorrer entre eles e a plateia. A escola está de parabéns pela iniciativa e, particularmente, os profissionais da Meimei que organizaram o evento”, finaliza.

A saúde do corpo físico depende do equilíbrio espiritual*

Mens sana in corpore sano é o foco do projeto da Meimei Escola Montessoriana e você sabe a origem dessa frase? Francisco Ferreira, que é autor de oito livros e editor do *site* www.acasa-doaprendiz.com, explica melhor sobre o assunto:

O sentido original dessa frase proferida há séculos preconiza que há a necessidade de se estar com o espírito em equilíbrio para que o corpo também esteja equilibrado. Isso quer dizer que temos a capacidade de transmutar doença em saúde naturalmente se organizarmos nosso eu interno, a mente e as emoções. Todo aprendiz que compreende como funciona a lei da atração sabe disso.

Sempre que uma doença se manifesta, o que na verdade sentimos no corpo físico é resultado reativo de causa previamente incubada nos níveis mais elevados do nosso ser, e normalmente já subsiste na mente ou no nosso subconsciente. Em outras palavras: consciente ou inconscientemente você gerou a doença que reverbera agora em seu corpo físico. Isto significa dizer que tudo que acontece com o corpo nada mais é do que reflexo da mente que captou energias boas ou más e jogou para o mundo das formas, causando a enfermidade.

Durante a culminância foram realizadas aulas de ioga, que ajuda a harmonizar o corpo com a mente, através de técnicas de respiração, postura e meditação



Em um nível mais elevado do ser, podemos verificar que todas as doenças são cósmicas ou de causa vibratória. Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que toda doença age simultaneamente no corpo, na mente e no espírito e pode ser ativada em qualquer um desses níveis do nosso ser, mas manifesta-se e se expande para os três. Também pode ser tratada em qualquer deles.

Trabalhando nos níveis mais elevados do nosso ser, podemos obter resultados mais rápidos e satisfatórios. Dessa forma, uma ação na mente, através de um controle eficaz das emoções, pode ser muito mais eficiente que uma intervenção no corpo físico, já que esta encontra-se em um nível mais alto. O ponto máximo seria o espiritual, de onde todas as nossas criações emanam. No entanto, em nosso estado atual de ação no mundo tridimensional, a mente é o elo intermediário que liga o corpo ao espírito, sendo a nossa base de ação para se equilibrar.

Tal ação na mente se faz através da liberação do ressentimento, da rejeição, autopiedade, depressão, culpa, medo, tristeza, ódio, complexo de inferioridade, autocondenação e senso de desvalorização de si mesmo e do homem. Você deve trabalhar sobre si mesmo, edificando seu ser na sua essência, inculcando hábitos nobres e elevados tais como: o amor, a alegria, a boa vontade, a paciência, a esperança, a caridade, a justiça, a fé, a solidariedade, a misericórdia, o perdão...

Experimente trabalhar a sua mente através do alinhamento aos princípios cósmicos, enquanto seu médico cuida do seu corpo. Para isso, torna-se

necessário que você acredite que é muito mais que seu corpo físico, passando a enxergar a verdadeira realidade por trás do mundo dos fenômenos. Persistindo nessa filosofia de vida, você perceberá que tudo não passa de energia e que tudo é uma coisa só. Que todos os corpos, eventos e circunstâncias que conhece não passam de movimentações contínuas de energia ou “Luz”, pulsando e vibrando em variadas frequências e cristalizando a Essência Universal Criadora em diferentes formas. Com o tempo, você terá sua consciência ampliada e reconhecerá seu corpo físico como uma extensão visível da mente e do espírito.

A recuperação da saúde original é um processo simples para quem trabalha no laboratório da sua alma. Basta mentalizar corretamente a ideia-semente originária do estado de bem-estar e saúde que se deseja, e a energia universal criadora se encarrega do resto. Traz para a existência as realidades formadas no mundo original das ideias.

* Texto publicado no *site* Brasil Escola.

■ *Por Jéssica Almeida*

Meimei Escola Montessoriana

Rua dos Artistas, 129 – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20511-130

Tels.: (21) 2570-7296 / 2208-6834

E-mail: atendimento@meimeiescola.com.br

Site: www.meimeiescola.com.br

Fotos cedidas pela escola

O QUE ESPERAMOS PARA DAQUI A 50 ANOS?

Saiba como trabalhar o pensamento crítico dos seus alunos através do raciocínio lógico do filme “De volta para o futuro”

Refletir sobre o passado é uma ótima forma para analisar os processos de desenvolvimento de uma nação, seja no aspecto econômico, social, político, ambiental ou cultural. Mas imaginar sobre o futuro é oportunizar pensamentos que podem conduzir a humanidade à criação de novos patamares. Assim, a trilogia do filme “De volta para o futuro”, sucesso estrondoso nos anos 1980 e 90, concebida pelo cineasta Robert Zemeckis e produzida por Steven Spielberg, mostrou cientificamente nas telas hipóteses de como o presente estaria projetado no futuro. Ou seja, como a nossa sociedade estará daqui a 30 ou 60 anos?





Através de um automóvel transformado em uma máquina do tempo, os protagonistas do longa-metragem iniciam um experimento com uma viagem de volta aos anos 1950. Eram os anos da invenção do *rock'n'roll*, dos filmes de James Dean e de Marlon Brando, de forte expansão econômica no país e do estilo de vida norte-americano mais afastado de suas raízes.

O filme foi produzido em Hollywood em 1985, dez anos após o fim da Guerra do Vietnã, conflito que marcou profundamente a opinião pública, e 12 anos após o início da crise do petróleo, catalisador de um severo recesso na economia internacional. Era pertinente, então, ao escrever o roteiro e compor o plano de fundo da história, que Zemeckis ressaltasse pontos para lembrar os anos gloriosos do país.

Mas como era o futuro visto há 30 anos? Quais aspectos do mundo poderiam ser previstos e quais poderiam ser inventados? E mais importante: quais são as imagens de futuro que queremos? O cinema de ficção científica é um campo artístico, que na maior parte das vezes termina por nos revelar mais sobre onde estamos e o que de fato queremos do que necessariamente sobre aonde chegaremos.

“Seu futuro ainda não foi escrito. O de ninguém foi. Seu futuro é o que fizer dele. Então, façam um bom futuro.”
— De Volta para o Futuro.

O futuro de Marty McFly, o protagonista da história, é o mundo do consumo da informação. Em uma das cenas de “De volta para o futuro II”, McFly depara-se com uma enorme tela digital com diversos canais simultâneos transmitindo notícias do mundo todo. Dados atualizados instantaneamente, fomentados à velocidade da luz, tornando-se um catálogo infinito de canais de TV à disposição do consumidor.

O cinema é uma das formas artísticas de compreender e interpretar o mundo em que vivemos, seja por meio de um filme de arte, seja por meio de uma comédia. “De volta para o futuro” propôs uma intrigante questão: como queremos os nossos próximos anos? E, a partir daí, outra ainda maior se impõe: o que podemos fazer agora para que este futuro aconteça?



Foto extraída do site: <http://www.laparola.com.br/de-volta-para-o-futuro-nos-cinemas-em-sessoes-especiais>

➔ Para a sua aula de Língua Portuguesa

A cineasta e mestranda em Estudos Contemporâneos da Arte pela UFF Letícia Simões propõe aos alunos pensar no futuro pela ótica da sétima arte e criar roteiros de ficção científica sobre os próximos 50 anos.



I Em primeiro lugar, faça com seus alunos um mapeamento das questões atuais. Partimos do princípio de que um adolescente de 17 anos entra em uma máquina do tempo para visitar o futuro. Em grupos, os estudantes vão discutir quais as principais questões da nossa sociedade: ambientais, de preconceito, de mobilidade urbana, conflitos políticos. Cada grupo deve eleger um aspecto para trabalhar no presente e no futuro.

II Os alunos podem buscar essas questões entrevistando pais, colegas, parentes, vizinhos; em recortes de revistas e jornais ou notícias da TV ou da internet. O que os incomoda atualmente no mundo em que vivemos? É possível também propor que os alunos entrevistem pessoas nas ruas sobre o que elas gostariam que mudasse no mundo daqui a cinco décadas.



O mesmo restaurante aparece nos anos 1955, 1985 e 2015, refletindo o estilo de decoração de cada época

III Com os assuntos determinados por grupos, é hora de criar pequenas cenas de filme. Estabeleça que elas devem ter entre duas e cinco páginas, apresentar ao menos dois personagens (o personagem principal e mais alguém com quem ele encontra pelo caminho) e conter uma invenção ou solução para um aspecto do presente. Estimule a descrição do cenário: como é este ambiente, com que cores, como as pessoas se comportam. Por exemplo: em “De volta para o futuro”, Marty McFly quer saber como será a sua lanchonete predileta em 2015. Assim, ele e Doc Brown vão até lá e, enquanto conversam, os dois observam um casal que estranhamente se exercita na bicicleta de *spinning* enquanto janta. Há um objetivo (Marty, partindo de 1985, deseja ver como está no futuro o lugar que tanto frequenta), uma descrição do cenário, um diálogo entre dois personagens e a introdução de um aparato técnico para uma questão estética e comportamental.

IV Por fim, cada grupo apresenta a sua ideia de futuro. Caso a turma se sinta interessada, pode-se filmar um pequeno ato de ficção científica com telefones e/ou câmeras digitais. O objetivo principal é provocar uma discussão sobre que tipo de futuro alcançaremos.

■ Por Richard Günter

Fontes: Carta Educação | Letícia Simões

UM LUGAR CHEIO DE LENDAS E HISTÓRIAS

Projeto faz com que os alunos conheçam um pouco da herança indígena no município onde moram

Você sabia que os primeiros habitantes de Magé foram indígenas? Isso mesmo, por volta do ano 1000, índios que habitavam o litoral foram expulsos para o interior do continente devido à chegada de povos procedentes da Amazônia. Quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, no século XVI, encontraram várias etnias, entre elas os tupinambás, pertencentes ao tronco tupi. Para conhecer essas e outras histórias da região, os professores Miriam Soares, Roberto Pacobahyba, Aderine Moutinho e Kelcilene de Araújo do Centro de Ensino Integrado Agroecológico (Ceia) Barão de Langsdorff, localizado em Magé, criaram o projeto *Dia de Valorização da Cultura Indígena: revisitando a história e lendas dos primeiros habitantes de Magé*.



Segundo os educadores, o trabalho visou levar até os alunos da turma 1.001, do Ensino Médio Integrado Técnico em Agropecuária, um pouco da herança indígena no município onde moram. “Através de uma palestra realizada no local da visitação (Morro do Bonfim), no centro da cidade de Magé, conversamos sobre o passado e o presente da população indígena brasileira. Também recontamos a lenda de Mirindiba”, explicam.

O intuito do projeto também é conscientizar os alunos das condições atuais e dos desafios que os índios brasileiros enfrentam para se perpetuar no lugar que lhes é de direito. A questão dos conflitos por terras e a situação do nativo também foram abordadas ao longo do projeto. De acordo com Miriam, que é professora de História, a aculturação acontece quando duas culturas distintas se encontram e passam a se influenciar mutuamente. Desse processo as duas sofrem mudanças. Porém as transformações ocorridas com os indígenas, como ler e escrever a língua portuguesa, por exemplo, foi algo muito mais marcante e com forte impacto em seu legado cultural. “Além disso, a cultura indígena perdeu bastante espaço nas transformações vividas pelo Brasil. Resolvemos então apresentar aos alunos alguns termos, expressões, palavras de origem indígena e que fazem

parte do nosso cotidiano. Também mostramos dados recentes de mortes e conflitos em várias regiões do país ocupadas por índios em áreas muitas vezes cobiçadas por investidores de dentro e de fora do Brasil”, ressalta a docente.



Durante todo o projeto, o grupo realizou diversas atividades. Entre elas uma palestra e um café comunitário com produtos da terra (batata-doce, aipim, milho cozido, banana-da-terra) e sucos (guaraná e erva-mate). Foi organizada também uma competição, onde a turma se dividiu em 4 equipes. Cada uma foi identificada por nomes de tribos. Ganhou o jogo a que acertou o maior número de significados de palavras de origem indígena existentes no vocabulário. Ao final os alunos realizaram um abraço ao redor da árvore Mirindiba em apoio às causas indígenas.

Lenda de Mirindiba

Uma das mais belas lendas de Magé é sobre a índia Mirindiba. Segundo a história, uma índia do povo Tupinambá (filhos do Pai Supremo) foi encantada pelo pajé de sua tribo, utilizando seu maracá (instrumento mágico), e transformada numa árvore. Essa índia encantada ficou fixa no Morro do Bonfim no centro de Magé, sobre os olhares de Coaraci (o Sol), de Jaci (a Lua) e de Tupã (o deus do raio e da tempestade). A Mirindiba vive acompanhada de Anhangá (o Espírito da Floresta) e de Curupira (protetor dos seres vivos da floresta). Segundo a lenda, no alto do morro, a índia Mirindiba está protegendo o povo da cidade contra as injustiças e opressões.



■ Por *Jéssica Almeida*

Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff

Estrada da Conceição, 4.601 – Fazenda Conceição do Suruí – Magé/RJ

CEP: 25925-000

Tel.: (21) 2647-4210 / 2647-4390

E-mail: ceiabaraodelangsdorff@educacao.rj.gov.br

Fotos cedidas pela escola

INFORMAÇÃO SUSTENTÁVEL

Projeto promove reciclagem de papel para elaboração de jornal com ênfase no conhecimento científico

Caixas se transformam em caminhões, garrafas ganham a forma de velozes foguetes, painéis se tornam barulhentos tambores, papéis viram origamis e jornais... Assim a imaginação das crianças é, por natureza, campo fértil para a criatividade. Nesse ritmo de engenhosidade, os alunos da Escola Municipal Professora Ilza Junger Pacheco criaram um jornal com papel reciclado. Não satisfeitos apenas com o processo da reciclagem, eles ainda produziram todo o conteúdo para os jornais feitos à mão. Com essa habilidade aguçada, os estudantes criaram novas e inusitadas utilidades para os objetos que os cercam, reinventando o mundo ao seu redor. Todo este potencial criativo é explorado em sala de aula, tornando-se um importante aliado no processo de educação ambiental.

O projeto pedagógico coordenado pelo professor Felipe Bellas, designado como *Reciclando Comciências*, tem feito o maior sucesso na unidade escolar de Guapimirim. As atividades lúdicas e divertidas despertaram o interesse dos alunos sobre a importância da preservação do planeta, possibilitando a descoberta do reaproveitamento da matéria-prima e os efeitos positivos deste tipo de ação para o meio ambiente.

Além de desenvolver a criatividade, este tipo de tarefa contribui para a percepção de valores importantes sobre a preservação ambiental, que são fundamentais na formação de cidadãos ecologicamente conscientes e responsáveis.

No ano de 2016, a unidade escolar atendeu, aproximadamente, 450 alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) na faixa etária de 11 a 16 anos, no primeiro e segundo turnos. Participaram do projeto uma turma do 8º ano (802) e outra do 9º (902). Para marcar presença na atividade cada estudante trouxe

Um projeto que desenvolve a criatividade e contribui para a percepção de valores importantes sobre a preservação ambiental.



autorização dos responsáveis e respondeu a um questionário para determinar o nível de conhecimento sobre reciclagem e preservação ambiental. Visitas guiadas foram realizadas por técnicos da indústria papelreira para que eles tivessem conhecimento das etapas de reciclagem de papel em nível industrial.

A curiosidade dos alunos movimentou o conhecimento científico. Alguns nem acreditaram que as fibras extremamente trituradas poderiam voltar a ser um papel novamente, quanto mais se imprimir alguma coisa sobre ele. Somente quando os primeiros ficaram prontos passaram a compreender que aquele lixo (o papel) ainda era útil.

O processo de reciclagem escolhido foi o mais simples possível, pois assim poderia ser reproduzido por qualquer escola, mesmo não sendo possuidora de grande infraestrutura. Como a produção é feita por alunos, foi desconsiderada a utilização de qualquer material químico. Os participantes formaram grupos, e as pesquisas foram direcionadas por um orientador responsável pela revisão e correção das pesquisas, independente da área de conhecimento, bastando que tivessem fundamentação científica para publicação no jornal.

Os papéis recolhidos do lixo das salas de aula foram reciclados e transformados no “Jornal Eco-mirim”, composto com matérias elaboradas pelos próprios alunos, abordando assuntos relacionados com a disciplina de Ciências. A água utilizada no processo de fabricação é oriunda da captação dos aparelhos de ar-condicionado da escola. Os estudantes se tornaram agentes integrantes de todo

o processo de reciclagem do papel até a confecção do jornal, além de terem oportunidade de conhecer a fabricação em nível industrial, através da visitação de uma empresa localizada no município.

Os trabalhos com reciclagem na educação infantil mostram, na prática, a importância da contribuição de cada um na conservação do meio ambiente. Através destas atividades, podem perceber seu papel como agentes e transformadores do meio e reconhecer os efeitos de suas atitudes no mundo em que vivem.

Para o coordenador Felipe, a educação ambiental está inserida nos eixos transversais. “Acredito que o mais importante foi que nosso projeto partiu da necessidade de conscientização dos nossos alunos com relação ao desperdício de papéis. Após realizadas todas essas etapas, observar o fruto do projeto é muito gratificante e renovador”, afirmou o professor.

■ Por Richard Günter

Escola Municipal Professora Ilza Junger Pacheco

Rua Anibal Chicri Kfuri, 80 – Vale do Jequitibá – Guapimirim/RJ

CEP: 25946-616

Tel.: (21) 2632-6442

E-mail: direcaoilza@yahoo.com.br

Coordenador do projeto: Felipe Bellas

Coordenadora pedagógica da área de Ciências:

Francelene Felix

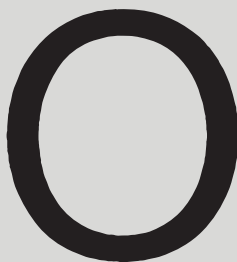
Fotos cedidas pela escola

Cidadania

FLORES EM VEZ DE MÍSSEIS

Cultura de paz promove mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo





o mundo vive um colapso quando o assunto é violência. Muito se fala que precisamos de paz, mas apenas falar não basta! Nesse contexto, a Escola Municipal Primário Paralimpíadas Rio 2016 vem,

atendendo o proposto pelo Secretário de Educação da cidade do Rio de Janeiro, César Benjamin, refletir, junto com a sua comunidade escolar, fomentando conceitos e práticas para se construir uma educação para a paz.

A violência nas grandes cidades vitimiza milhares de pessoas, principalmente jovens. Assim, o projeto chamado *Paz pela Paz* dissemina ao máximo o resgate, a defesa e o respeito à vida. Para o coordenador do projeto, Vitor Hugo Almeida, “a educação para a paz é um artifício que necessita de habilidade, competência, conhecimento, atitude e valores imprescindíveis para induzir transformações de comportamento que possibilitem a prevenção da violência”. Dessa forma, a criatividade fomenta qualidade nos espaços de ensino-aprendizagem a fim de transformá-los em locais de humanização e sensibilidade.

Centrada nessa linha de pensamento, a unidade aproveitou o seu aniversário de inauguração para dar destaque ao *Paz pela Paz*. Após reunião dos representantes de turma com a direção, todos os alunos buscaram alternativas para as práticas de gentileza dentro da escola e levaram para suas salas um debate sobre a violência na cidade, no qual o desafio era representar em cartazes alternativas para agir no espírito da cultura de paz, realizando essa ideia nas suas famílias, em seu trabalho, em sua cidade, tomando-se, assim, mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo. “Através da solidariedade o aluno percebe que pode trocar experiência com

o outro, aprende a respeitar as limitações dos colegas, bem como as suas próprias dificuldades, mas também identifica que pode contar com o apoio de alguém, caso necessite”, ratifica Vitor Hugo.

Os cartazes foram expostos na atividade em forma de manifesto, que contou com a presença da representante da 10ª Coordenadoria de Educação, Professora Maria das Graças Gonçalves Muller. Num momento emocionante de um pedido pacífico pela cidade, os alunos cantaram a música “Paz pela Paz”, de Nando Cordel.

Para o professor Vitor Hugo, diretor da escola, é preciso arquitetar uma cultura de paz, como uma espécie de prática coreográfica nos padrões mentais, sempre repassando a mensagem. “Sabemos que sozinhos não seremos capazes de reverter os valores vigentes e contrapor as dificuldades mais efetivas de nossa coletividade. Por isso é imprescindível darmos as mãos e refletirmos sobre a violência que assola a nossa cidade”, ratifica Vitor.

Indagados sobre o projeto realizado na escola, os alunos foram enfáticos. “O que eu penso que a escola poderia fazer para uma cultura de paz é proporcionar momentos de brincadeiras, onde cada um se respeitaria e se divertiria, inclusive com os colegas com necessidades especiais”, diz Leticia Gomes Rodrigues, de 11 anos, da turma 1.502. Já Rayan Almeida Bastos, da turma 1.505 e da mesma idade, demonstrando um grande senso crítico, disse que devemos dar atenção a todos e debater o que há de errado, “sendo sempre responsáveis e se colocando no lugar do outro”. Já Débora Menezes de Oliveira, de 10 anos, da turma 1.501, enfatiza que “um ambiente de paz é um ambiente sadio e de respeito, onde não há brigas”.

■ Por Richard Günter

Escola Municipal Primário Paralimpíadas Rio 2016

Estrada de Sepetiba, 3.475 – Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23525-173

E-mail: emparalimpiadas2016@rioeduca.net

Coordenador do projeto: Vitor Hugo Almeida

Fotos cedidas pela escola



UM NOVO OLHAR

Professora utiliza fotografia para discutir o empoderamento do negro na sociedade atual

A fotografia pode se tornar um recurso didático muito eficiente em sala de aula, principalmente por causa dos aparelhos celulares. Segundo pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a quantidade de estudantes que portam *smartphones* chega a atingir a média de 36%, sendo que nas regiões metropolitanas esse número é ainda maior. Em vez de proibir o seu uso, a professora de Geografia Tatiana Barradas resolveu usar esse recurso a seu favor.

A iniciativa faz parte do projeto anual de Consciência Negra do Colégio Estadual Professora Regina Célia dos Reis Oliveira, localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. A educadora explica que, dentro desse trabalho, é realizada uma mostra fotográfica com diversas temáticas ligadas ao negro, que tem como objetivo refletir sobre a sua situação na sociedade atual. “Discutimos sobre as diversas formas de se empoderar, e os alunos expressam suas ideias através da construção das imagens fotográficas. O projeto estimula neles as possibilidades de alcançar esse poder. Através do que é produzido podemos ver como eles se veem no caminho do empoderamento”, afirma Tatiana.

A temática da mostra “Onde está o poder do negro?” surgiu dos alunos que alegaram que estavam cansados de sempre discutir o passado. Então eles sugeriram abordar essa questão a partir do seu processo de empoderamento. Segundo a educadora, esse poder atravessa os estudos, a força física, a atitude de luta e o respeito a todos. “A voz que não pode ser calada e muitas outras formas de se manifestar. Como professora, vejo o projeto como um espaço de construção de conhecimento, onde eles criam, produzem e se expressam através das imagens”, completa.





A aluna Thainara Monteiro ressalta que acha muito importante participar dessa atividade, pois isso traz ao negro a consciência da importância da sua cor. “Foi uma experiência maravilhosa! Me sinto importante, não tenho vergonha da minha raça. Todos nós negros temos que nos valorizar. E através do projeto a gente realiza isso e também ajuda outros dizendo o quanto eles são importantes. Eu amo ser negra!”, afirma. Reforçando a fala da colega, a estudante Patricia Santana declara que, com o projeto, os alunos têm a oportunidade de expressar sua beleza

e cultura. “Por isso fico muito feliz por existir uma data que é muito especial, o dia para refletir sobre a Consciência Negra, que é celebrado sempre aqui na escola!”, explica.

Além delas, os colegas Rogerio Lage e Eduardo Silva afirmam que os estudantes precisam participar de projetos como esse. “É muito importante mostrar que o negro pode despertar sua beleza e seus talentos e dizer que é como os outros. Isso ajuda a entender que todos nós somos uma mistura e o respeito deve existir sempre”, concluíram os estudantes.

"Esse poder atravessa os estudos, a força física, a atitude de luta e o respeito a todos."

A professora garante que, durante a culminância, ela vê os alunos orgulhosos de suas produções, defendendo que o maior empoderamento começa na aceitação de si mesmo. “O resultado sempre me surpreende positivamente, pois mexe muito com autoestima deles. Penso que essa é a melhor parte. Em linhas gerais, o projeto não é capaz de esgotar a temática mas possibilita a problematização de uma questão que deve ser discutida na escola. E sempre que pudermos, faremos!”, finaliza Tatiana.

Como usar a fotografia em sala de aula?

Professor, você pode utilizar a fotografia como um recurso didático em qualquer disciplina ou tema que precise abordar. Listamos um exemplo de plano de aula e algumas sugestões de tema. Confira:

Atividade



Em duplas ou trios, partindo de um tema proposto pelo professor, os alunos devem fazer fotografias com câmeras ou celulares.



Os componentes do grupo selecionarão as fotos que considerarem mais expressivas.



A classe discute sobre o processo de registro fotográfico e sobre os motivos que determinaram as escolhas dos grupos.



A classe organiza uma exposição das fotos.

Sugestões de temas

- **Fotografia da escola:** a escola vista por um ângulo que você nunca viu.
- **Fotografia do bairro:** o que ele tem de mais antigo? E de mais moderno?
- **Fotografia retrato:** aprender a tirar fotografia de retrato utilizando três temas: fotografia para documentos, fotografia para perfil de redes sociais e fotografia criativa.
- **Fotografia jornalística:** Aprender a fotografar no estilo de jornal. A fotografia jornalística precisa ilustrar um fato. Esta fotografia deve ser tirada após os alunos redigirem um texto jornalístico junto ao professor de língua portuguesa. Dica: crie um jornal e o vincule na escola.

"O maior empoderamento começa na aceitação de si mesmo."



Por *Jéssica Almeida*

Fonte: Uol Educação

Colégio Estadual Professora Regina Célia dos Reis Oliveira

Rua Doutora Maria José, s/nº – Venda Velha – São João de Meriti/RJ

CEP: 25565-440

Tel.: (21) 3755-0168

E-mail: cereginacelia@educacao.rj.br

Fotos produzidas pela turma

O PESO DA MELANINA NA ESPÉCIE HUMANA

Projeto discute a importância da educação para o combate ao racismo institucional

“**P**ossuímos características diferentes, recebemos educação de pessoas com pensamentos diferentes. Ainda vemos crianças que expressam o

racismo, empresas que não aceitam trabalhador por causa de sua etnia, religião. Devemos dizer não ao preconceito!”. Essa é a realidade que a aluna Lorena da Silva Rodrigues Nunes relatou ao participar do projeto *Reconhecendo as condições para a valorização dos alunos e alunas negros e negras*, do Colégio Estadual Vila Bela, localizado no município de Mesquita, no Rio de Janeiro.

O projeto é voltado para discutir as condições históricas e atuais dos afrodescendentes no Brasil e debater a valorização estética e a importância da educação para o combate ao racismo institucional. Os professores e coordenadores responsáveis pelas atividades foram Luiz Alberto Bruno, Fausto Lima de Oliveira, Gilberto Silva de Andrade, Hebert Guimarães Calvosa e Marcelo Santos de Almeida. De acordo com eles, as atividades contam com questionamentos sobre as relações étnico-raciais, através de debates, numa interação entre os participantes dos eventos, buscando a valorização da estética do cabelo, do cor-

po e do conhecimento das diversas visões de origem africana e suas ramificações racializadas no Brasil.

Os educadores ressaltam que o conteúdo sobre a Lei 10.639/2003, que trata da História e Cultura Afro-brasileira, ainda não é posto em prática na educação formal. “Dessa maneira o projeto complementa a lacuna entre a lei e a sua falta da implementação. Ao mesmo tempo, está incorporada à agenda dos “21 dias de ativismo contra o racismo”, movimento articulado pelos profissionais da educação que possuem vínculos com as organizações não-governamentais e que lutam contra o racismo no Brasil, buscando sempre a igualdade entre os grupos étnicos. Isso com o reconhecimento do quantitativo de alunos e alunas afrodescendentes que estudam no C. E. Vila Bela”, explicam.

O projeto, que abordou as disciplinas de História, Geografia, Educação Física, Sociologia e Animação Cultural, contou com a participação dos alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, totalizando 140 estudantes. Para a culminância do projeto foram realizadas atividades como palestras, debates, oficina e exibição de filmes. Os temas escolhidos foram “O corpo negro na sociedade”, “O racismo e suas nuances” e “Desvendando o racismo através das imagens”.



Através do projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de debater a valorização estética e a importância da educação para o combate ao racismo

A aluna Hávila Karoll R. Vieira, da turma 1.009, conta que achou muito interessantes os filmes que foram exibidos. “Deu para entender que até hoje ainda temos o racismo. Vejo muito isso acontecer. É triste e revoltante essa situação”, relata. Já a estudante Ester Aine Ribeiro, da turma 2.009, afirma que o debate é de extrema importância para expressar nossas opiniões e dizer o que achamos certo ou não. “Todos nós devemos fazer nossa parte para combater o racismo”, completa.

A coordenadora pedagógica da unidade escolar, Cláudia Badaró, ressalta que o trabalho foi dinamizador no que diz respeito à questão abordada, tudo de forma muito esclarecedora, destacando a postura consciente de todos os professores. “Nossos alunos participaram de forma positiva. Agradeço a realização de toda a atividade para o enriquecimento de nossa comunidade escolar”, finaliza.

Filmes usados para debater a questão sobre o racismo

•A Alma no Olho

O curta-metragem promove uma metáfora sobre a escravidão e a busca da liberdade através da transformação interna do ser, num jogo de imagens de inspiração concretista.

•O Xadrez das Cores

O curta-metragem traz uma história densa, que se desenvolve como um jogo de xadrez. A temática séria e profunda fala da discriminação racial.

•O Preconceito Cega

Curta-metragem que serve para autocrítica e reflexão sobre os múltiplos olhares de uma convivência em sociedade. Um material para forçar a outra perspectiva de narrativa e discutir sobre o preconceito “nosso de cada dia”, calcado na falsa aparência.

•Boa Esperança

Com 12 minutos de duração, o documentário mostra os bastidores da produção do videoclipe da música Boa Esperança, que trata da revolta de um grupo de empregadas domésticas contra os patrões, durante um banquete na casa onde trabalhavam.

■ Por Jéssica Almeida

Colégio Estadual Vila Bela

Rua Tibiriçá, 285 – Rocha Sobrinho – Mesquita/RJ

CEP: 26232-360

Tel.: (21) 3765-6561

E-mail: familiavila@oi.com.br

Fotos cedidas pela escola

SÍRIA: UM TERRITÓRIO

Entenda o conflito, a situação dos refugiados e os impactos da guerra no cenário mundial que, além da maior tragédia humanitária dos últimos tempos, ainda deixou mais de 2 milhões de crianças fora da sala de aula

Você já deve ter ouvido falar sobre a Guerra na Síria, Estado Islâmico, Isis, o ataque químico que motivou a reação dos EUA. Mas sabe o que significam, de onde surgiram, qual a ligação entre eles e, principalmente, como tudo isso afeta o mundo? Entenda a origem desse conflito que já causou aproximadamente 400 mil mortes no Oriente Médio, provocando uma emigração de mais de 5,5 milhões de pessoas do país – segundo a ONU, a maior da história recente –, acarretando na evasão escolar de milhares de crianças sírias. Sem uma data prevista para o fim dessa tragédia humanitária, a Revista Appai Educar explica o que você precisa entender sobre essa guerra.

MINADO



Foto: ONU/Divulgação

Qual era a situação na Síria antes da guerra e o que levou ao conflito?

Antes do início dos combates, muitos sírios se queixavam de um alto nível de desemprego, corrupção em larga escala, falta de liberdade política e repressão pelo governo Bashar al-Assad – que havia sucedido seu pai, Hafez, em 2000. Em março de 2011, adolescentes que haviam pintado mensagens revolucionárias no muro de uma escola na cidade de Deraa, no sul do país, foram presos e torturados pelas forças de segurança. O fato provocou protestos por mais liberdades no país, inspirados na **Primavera Árabe**. Quando as forças de segurança sírias abriram fogo contra os ativistas – matando vários deles –, as tensões se elevaram e mais pessoas foram às ruas, pedindo a saída de Assad. A resposta do governo foi sufocar as divergências, o que reforçou a determinação dos manifestantes. No fim de julho do mesmo ano, milhares saíram às ruas novamente, exigindo a saída do presidente.

Primavera Árabe

Essa expressão faz referência a uma série de protestos que ainda ocorrem no chamado “mundo árabe”, compreendendo basicamente os países que compartilham a língua árabe e a religião islâmica, apesar de etnicamente diversos.

Guerra Santa

Recurso extremista que as grandes religiões monoteístas (crença em um único deus) têm usado para proteger o que consideram ameaça a sua doutrina religiosa e a seus lugares sagrados.

Como começou a guerra civil?

À medida que os levantes da oposição aumentavam, a resposta violenta do regime se intensificava. Simpatizantes do grupo antigoverno começaram a pegar em armas – primeiro para se defender e depois para expulsar as forças de segurança de suas regiões. Assad prometeu “esmagar” o que chamou de “terrorismo apoiado por estrangeiros” e restaurar o controle do Estado. A violência rapidamente aumentou no país: grupos rebeldes se reuniram em centenas de brigadas para combater as forças oficiais e retomar o controle das cidades e vilarejos. Em 2012, os enfrentamentos chegaram à capital, Damasco, e à segunda cidade do país, Aleppo. O conflito já havia, então, se transformado em mais que uma batalha entre aqueles que apoiavam Assad e os que se opunham a ele. Isto arrastou as potências regionais e internacionais para o conflito, conferindo-lhe outra dimensão. Em junho de 2013, as Nações Unidas informaram que o saldo de mortos já chegava a 90 mil pessoas.



Foto: ONU/Divulgação

Quem está lutando contra quem?

A rebelião armada da oposição evoluiu significativamente desde suas origens. O número de membros da oposição moderada secular foi superado pelo de radicais e jihadistas – partidários da “**guerra santa**” islâmica. Entre eles estão o autointitulado Estado Islâmico e a Frente Nusra, afiliada à Al-Qaeda. Os combatentes do **Isis** criaram uma “guerra dentro da guerra”, enfrentando tanto os rebeldes da oposição moderada síria quanto os jihadistas. Também com-

ISIS

Sigla de Islamic State in Iraq and Syria, que em português quer dizer Estado Islâmico do Iraque e da Síria.

batem o exército curdo, um dos grupos que os Estados Unidos estão apoiando no norte da Síria. Desde 2014, os norte-americanos, junto com o Reino Unido e a França, realizam bombardeios aéreos no país, mas procuram evitar ataques às forças do governo sírio. Já a Rússia lançou em 2015 uma campanha aérea com o fim de “estabilizar” o governo Assad, após uma série de derrotas para a oposição. A intervenção russa possibilitou vitórias significativas das forças sírias. A maior delas foi a retomada da cidade de Aleppo, um dos principais redutos dos grupos de oposição, em dezembro de 2016.

Estado Islâmico: de onde veio e aonde quer chegar?

Para entender melhor sobre o assunto, conversamos com o professor e jurista Luiz Flávio Gomes, que também é fundador da Rede de Ensino LFG e Diretor-presidente do Instituto Avante Brasil.

O que é?

Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EILL) ou Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIS) é uma organização jihadista do Oriente Médio, que teve um governo proclamado em 29 de junho de 2014, tendo Abu Bakr al-Baghdadi como califa (chefe, sucessor de Maomé). Desde a data citada o grupo passou a se chamar Estado Islâmico. Seu califado está localizado, hoje, em Raqqa, na Síria.

Características do Estado Islâmico

Tornou-se notório por sua brutalidade, incluindo assassinatos em massa, sequestros e decapitações. Famoso por divulgar vídeos com essas atrocidades contra jornalistas e ativistas, criou pânico nos países por onde já passou e por ações orquestradas mundo a fora, especialmente na França, tomando para si as responsabilidades dos ataques ao jornal Charlie Hebdo, além de um outro, mais recente, que

vitimou mais de 130 pessoas em uma série de atentados à capital francesa em 13/11/15. Na Síria, território mais recente conquistado, está localizada boa parte de seu “exército”. O grupo atraiu apoio em outras partes do mundo **muçulmano** – e também de pessoas que se converteram ao islamismo apenas para lutar ao lado do Isis. A França é o país com maior número de combatentes fora do Oriente Médio.

Muçulmano

Muitas pessoas confundem os termos “árabe” e “muçulmano”, como se fossem sinônimos. No entanto, árabe é a designação dada à etnia, enquanto muçulmano é todo indivíduo que se converte e segue a doutrina do Islamismo.



• Bandeira do grupo terrorista Estado Islâmico.

Fonte: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/estado-islamicogrupo-terrorista.htm>

Qual seu objetivo?

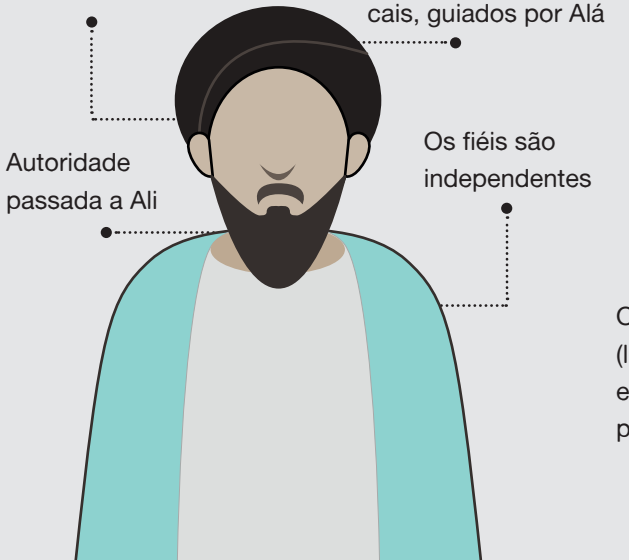
Desde 2004, a principal meta do grupo é a fundação de um Estado islâmico, destinado a afirmar a autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo e aspirando tomar o controle de muitas outras regiões de maioria islâmica, a começar pelo território da região do Levante, que inclui Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre e Hatay, uma área no sul da Turquia. O objetivo original do Isis era estabelecer um califado nas regiões de maioria sunita do Iraque, mas, após o seu envolvimento na guerra civil da Síria, este objetivo se expandiu para incluir o controle de áreas de maioria sunita desse país.

Como surgiu?

O grupo, em seu formato original, era composto e apoiado por várias organizações terroristas sunitas insurgentes, incluindo suas organizações antecessoras, como a Al-Qaeda no Iraque – que tinha como principal colaborador Osama bin Laden – (2003-2006), o Conselho Shura Mujahideen (2006-2006) e o Estado Islâmico do Iraque (2006-2013). O Estado Islâmico cresceu significativamente devido à sua participação na guerra civil Síria e ao seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi. Denúncias de discriminação econômica e política contra árabes sunitas iraquianos desde a queda do regime secular de Saddam Hussein também ajudaram a dar impulso ao grupo. No auge da Guerra do Iraque, seus antecessores tinham uma presença relevante nas províncias iraquianas de Al Anbar, Ninawa, Kirkuk, maior parte de Salah-ad-Din e regiões de Babil, Diyala e Bagdá, além de terem declarado Baquba como sua capital. No decorrer da guerra civil síria, o Isis passou a ter uma grande presença nas províncias de Ar-Raqqa, Idlib e Aleppo.

Xiitas

Seguidores de Ali (primo e genro de Maomé, tido como sucessor legítimo da autoridade islâmica)



Sunitas

Seguem os Califas



Qual o propósito?

O Estado Islâmico pressiona as pessoas que vivem nas áreas que controla a se converterem ao islamismo, além de viverem de acordo com a interpretação sunita da religião e sob a **Sharia**. Aqueles que se recusam podem sofrer torturas e mutilações ou ser condenados à pena de morte. O grupo é particularmente violento contra muçulmanos xiitas, assírios, cristãos armênios, yazidis, drusos, shabaks e mandeanos. Depois de o Estado Islâmico autoproclamar a captura de cidades no Iraque, divulgou orientações sobre como os civis dominados devem usar roupas e véus. Também alertou as mulheres na cidade de Mossul para usarem o véu de rosto inteiro ou sofreriam punições severas. Elas também não podem sair de casa e seus corpos são considerados propriedade do Isis. Houve um aumento gigante nos casos de estupro e abusos contra mulheres a partir desse momento.



O aumento da violência em Aleppo, na Síria, está tirando a vida de refugiados palestinos e destruindo casas de civis, além de danificar e destruir instalações civis como hospitais e escolas. Foto: UNRWA

Sharia

É um conjunto de leis islâmicas, baseadas no Alcorão, responsáveis por ditar as regras de comportamento dos muçulmanos.

Quais os desdobramentos?

Desde que ganhou notoriedade com as divulgações dos vídeos em que mostram a decapitação de muitos jornalistas e ativistas do mundo todo, o Estado Islâmico passou a assumir a autoria de muitos atentados mundo a fora, entre eles dois na França, um avião abatido no Egito, ações em Beirute, no Líbano, Quênia, dentre outros.



Cristãos

Os cristãos que vivem em áreas sob controle do Estado Islâmico que queiram permanecer no território do califado têm apenas duas opções: se converter ao islamismo ou pagar um imposto religioso (o jizya).



Por que o principal alvo tem sido a França?

A França tem a maior população muçulmana na Europa, sendo mais de 6 milhões de indivíduos com essa origem. Historicamente, é uma das sociedades mais divididas no continente. A integração de muçulmanos à sociedade francesa sempre foi uma questão delicada no país, já que grande parte deles sempre viveu em subúrbios pertencendo à

camada mais pobre da população e sendo também fortemente discriminada.

Além disso, há um aparente questionamento de gerações mais novas de famílias de imigrantes, supostamente descontentes quanto ao estilo de vida mais liberal do Ocidente, à tolerância e diversidade religiosa e à liberdade de expressão. A polêmica deliberação da França

de proibir o uso do véu islâmico de corpo inteiro por mulheres, por exemplo, foi interpretada por alguns muçulmanos como uma decisão contra o islamismo.

A França tem sido a maior fonte, na Europa, de combatentes estrangeiros que se juntam a grupos radicais no Oriente Médio. Relatório do Centro Internacional para o Estudo de Radicalização e Violência Política

do King's College, de Londres, apontou que das cerca de quatro mil pessoas que deixaram a Europa Ocidental para se juntar a grupos extremistas como o Estado Islâmico na Síria e no Iraque, aproximadamente 1,2 mil saíram da França. E muitos deles retornaram. A França fica atrás apenas de Arábia Saudita, Tunísia, Jordânia, Marrocos e Rússia como maiores emissores de combatentes para estes grupos, segundo o relatório.

Na França, dois locais se destacam no que tange ao recrutamento e à radicalização. Os subúrbios de Paris e arredores têm sido durante anos um local onde muitos jovens muçulmanos acabam sendo requisitados, descontentes com o desemprego e a ausência de liberdade pública. Outro lugar fácil

para radicalização são as prisões francesas: estima-se que 60% dos 70 mil detentos no país tenham origem muçulmana, e grupos extremistas estariam se aproveitando disso para amealhar colaboradores.

Além disso, a França participa da coalizão militar liderada pelos Estados Unidos, que tem conduzido ataques aéreos contra o Estado Islâmico na Síria e no Iraque, e é um dos mais ativos nessas ofensivas contra o grupo. O país realizou também uma intervenção contra extremistas islâmicos no Mali, em 2013. Na França também aconteceu uma das revoluções que estruturaram o capitalismo ocidental (em 1789), com valores (liberdade de crença e de expressão de pensamento) que conflitam com os professados pelo Estado Islâmico.

Como o grupo tem recrutado seu exército mundo a fora?

Apesar de o grupo terrorista ser fundamentalmente formado por cidadãos de origem islâmica, tem conquistado sucesso ao arregimentar pessoas de diversas procedências, convertendo-as ao Islamismo. Com uma base recrutadora bastante forte fora do Oriente Médio, o Estado Islâmico consegue acesso às escolas, universidades, além de jovens pobres, originários da camada menos favorecida da população e com problemas com a justiça. Seu principal meio de conversão é através das redes sociais.

* Texto publicado no [site lutzflaviogomes.com](http://site.luizflaviogomes.com). Colaboração: Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

Curiosidades sobre a Sharia



- Toda pessoa nascida muçulmana deve permanecer muçulmana: caso se converta a outra religião, deve ser executada;



- Adúlteros devem ser apedrejados até a morte;



- Quem insulta o islã ou Maomé deve ser açoitado severamente ou executado;



- A poligamia masculina é aceita, assim como o casamento infantil.

O ataque químico que motivou a reação dos EUA

De acordo com o grupo britânico de monitoramento do Observatório Sírio para os Direitos Humanos, 86 pessoas – 27 delas crianças – foram mortas no incidente químico em Khan Sheikhoun, na província de Idlib. Tanto a Organização Mundial da Saúde quanto a instituição de caridade médica, os Médicos Sem Fronteiras, disseram que algumas das vítimas apresentavam sintomas consistentes de exposição a agentes que afetam o sistema nervoso. O ministro da Justiça da Turquia, Bekir Bozdogan, disse que as necrópsias realizadas nos corpos de três vítimas confirmaram que armas químicas foram usadas e que as forças de Assad foram as responsáveis pelo ataque. Trinta e duas pessoas foram levadas para a Turquia para tratamento – três delas morreram.



Refugiados sírios aguardam ônibus para a Turquia na tentativa de fugir de confrontos próximos à cidade de Kobani. Foto ACNUR / I. Prickett

Assad já usou armas químicas antes?

O governo sírio foi acusado por potências ocidentais de disparar foguetes de gás sarin (composto químico que age no sistema nervoso) em Ghouta, Damasco, matando centenas de pessoas em agosto de 2013. Assad negou a acusação e culpou os rebeldes, mas concordou em destruir o arsenal químico da Síria. Apesar disso, a Organização pela Proibição de Armas Químicas continuou a reportar o uso de produtos químicos tóxicos em ataques no país.

Alaúita: grupo étnico-religioso do Médio Oriente, proeminente na Síria, que constitui cerca de 10% da população e onde dominam as estruturas políticas.

Mas, afinal, por que a guerra está durando tanto?

Um fator chave é a intervenção de potências regionais e internacionais. Seu apoio militar, financeiro e político tanto para o governo quanto para a oposição tem contribuído diretamente para a continuidade e intensificação dos enfrentamentos, e transformado a Síria em campo para uma guerra indireta. A intervenção externa também é responsabilizada por fomentar o sectarismo no que costumava ser um Estado até então secular (imparcial em relação às questões religiosas). As divisões entre a maioria sunita e a minoria **alaúita** no poder alimentaram atrocidades de ambas as partes, não apenas causando a perda de vidas, mas a destruição de comunidades, afastando a esperança de uma solução pacífica. A escalada de terror causada por grupos jihadistas como o Estado Islâmico – que aproveitou a fragilidade do país para tomar o controle de vastas partes de território no norte e no leste – acrescentou outra dimensão ao conflito.

Qual é o envolvimento das potências internacionais?

Mas os conflitos não se resumem aos assuntos envolvendo o Estado Islâmico, até porque há todo um impasse envolvendo a Síria.

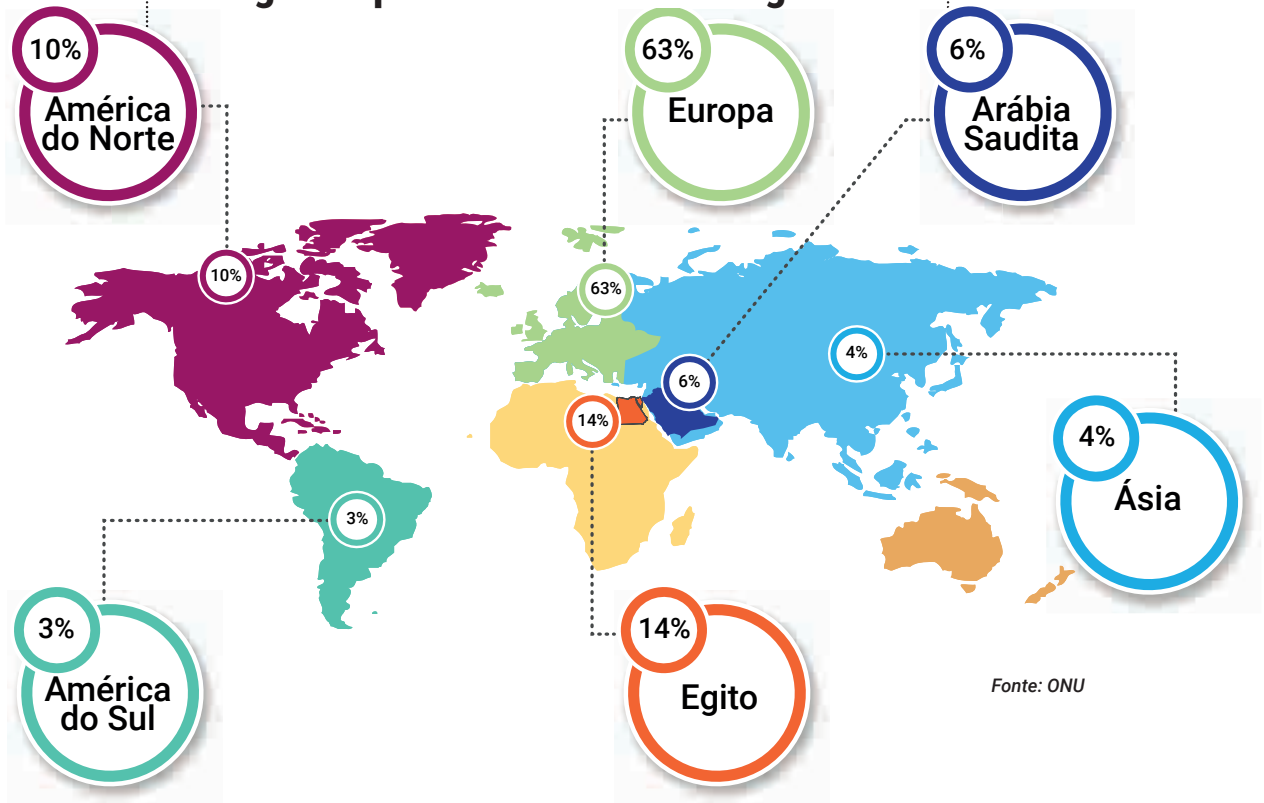
Na era Obama, os Estados Unidos culpavam Assad pela maior parte das atrocidades cometidas no conflito e exigiam que ele deixasse o poder como pré-condição para a paz. Trump, por sua vez, defendia que derrubar o presidente sírio não era uma prioridade, mas sim derrotar o Estado Islâmico, e que Assad era um aliado nessa batalha. Após o ataque químico ocorrido, seu discurso mudou. Já a Rússia apoia a permanência de Assad no poder, o que é crucial para defender os interesses de Moscou no país. O Irã, de maioria xiita, é o aliado mais próximo de Bashar al-Assad. A Síria é o principal ponto de trânsito de armamentos que

Teerã envia para o movimento Hezbollah no Líbano – a milícia também cedeu milhares de combatentes para apoiar as forças sírias. Estima-se que os iranianos já tenham desembolsado bilhões de dólares para fortalecer as forças sírias, provendo assessores militares, armas, crédito e petróleo. Contrapondo-se à influência do Irã, a Arábia Saudita, principal rival de Teerã na região, tem enviado importante ajuda militar para os rebeldes, inclusive para grupos radicais. Outro aliado importante dos rebeldes sírios, a Turquia tem buscado limitar o apoio dos EUA às forças curdas, que acusam de apoiar rebeldes do Partido dos Trabalhadores do Curdistão. Os rebeldes da oposição síria têm ainda atraído apoio em várias medidas de outras potências regionais, como Catar e Jordânia.



Reunião do Conselho de Segurança discute o futuro da Síria na ONU - Foto Rick BajornasONU

Regiões que receberam os refugiados



Qual é o impacto da guerra?



Informações Europa Commission e BBC Brasil
- 15/03/2017 - Fonte: UNHCR e OCHA.

Como ficam as crianças sírias?

Mais de 9 milhões de crianças podem ficar sem ajuda humanitária na Síria e em países vizinhos devido a possíveis cortes nos programas apoiados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Com a escassez de recursos, atividades vitais como fornecimento de água potável, acesso a saúde e educação correm risco de serem suspensas. Segundo a coordenadora do Unicef na Síria, Amam Geneviève Boutin, se o organismo não conseguir tais valores também será preciso cortar a ajuda em dinheiro dada a 500 mil meninos e meninas para irem à escola em vez de trabalhar. "Temos que pensar que não estamos ajudando os sírios só agora. Estamos pensando no futuro deles. Precisamos evitar de todas as formas que esse número aumente", disse a coordenadora. Ainda de acordo com Amam, manter meninos e meninas na escola não evita apenas que eles deixem de estar na rua trabalhando, mas também previne a exposição a outros perigos, como o abuso sexual, além de reduzir as ocorrências de casamentos precoces.

Mais de 2 milhões de estudantes fora da sala de aula

A crise na educação é alarmante. O relatório "No Place For Children" ("Não há Lugar para Crianças") fez um balanço referente aos cinco anos de conflito. Segundo o relatório, mais de 80 por cento da população infantil do país (8,4 milhões de crianças) foi afetada pela crise, dentro ou fora da Síria. E 151 mil bebês já nasceram como refugiados nestes últimos cinco anos. O diretor regional da Unicef para o Médio Oriente e Norte da África, Peter Salama, ressalta que a violência tornou-se uma coisa comum nas residências, escolas, hospitais, clínicas, praças e locais onde são realizados cultos na Síria. "Um dos maiores desafios no país, além da fome, é a educação, pois a frequência das escolas atingiu o nível mais baixo da história", afirma. Neste momento, estima-se que mais de 2 milhões de crianças dentro da Síria e 700 mil nos países vizinhos estejam fora das salas de aula.

O relatório da Unicef dá conta de 1,5 mil violações graves praticadas contra crianças, incluindo mais de 60 casos de morte e mutilação resultantes do uso de explosivos em zonas de habitação. Desse total de crianças, mais de um terço perdeu a vida na escola ou a caminho dela. De acordo com o diretor executivo da Unicef, Anthony Lake, qualquer criança que tenha nascido nos últimos cinco anos nunca conhecerá a Síria de que os pais se lembram. Bombas transformaram as salas de aula, os centros de saúde e os parques em escombros. As ruas onde elas deveriam poder brincar estão bloqueadas por postos de controle ou cheias de explosivos. Milhares de escolas e de hospitais fecharam. Em 2015, houve pelo menos 40 ataques a instituições de ensino, mais de 6.000 delas já não puderam mais ser utilizadas no país.



Foto: Shareef Sarhan - UNRWA 2014 - Unicef

Sugestões de livros sobre o assunto



Dias de inferno na Síria

Klester Cavalcanti – Editora Benvira

O jornalista Klester Cavalcanti saiu de São Paulo com a missão de registrar a realidade da guerra civil na Síria, iniciada em março de 2011. Ele foi preso pelas tropas oficiais, torturado e encarcerado por seis dias numa cela que dividia com mais de 20 detentos.



Pangeia – Fragmentos da guerra na Síria no Brasil

Luiza Aguiar e Gabrielle Albiero

Um relato da consequência dos conflitos no Brasil, envolvendo os refugiados que buscaram reconstruir a vida por aqui. A partir de seus apontamentos, o livro reconstituiu o cenário da guerra, da imigração e das consequências nos indivíduos.



A Síria em pedaços

Bernardo Pires de Lima – Editora Tinta da China

Mais de um terço do território está minado por terroristas de todo o mundo, transformando a Síria na maior plataforma jihadista da atualidade. Neste livro acompanhe o desenvolvimento deste conflito. O seu desfecho afetará a vida de todos nós.

Você sabia?

- + de 22 milhões fugiram de seus países de origem e não podem voltar por causa de guerras e perseguições. Já é considerado o maior número da história
- Metade desse total é formado por crianças
- + de 5,5 milhões somente da Síria, um quarto do total mundial
- 65,6 milhões foram obrigados a se deslocar
- a cada 3 segundos uma pessoa é forçada a sair de casa por causa de conflitos na sua cidade de origem

Rede Globo prepara novela das seis sobre os refugiados da Síria

De acordo com a assessoria de comunicação da Rede Globo, a faixa do horário das 18 horas será ocupada por uma novela que vai retratar a vida de um grupo de refugiados sírios que chega a São Paulo fugindo da guerra. Com o título provisório de “A Travessia”, a trama tem estreia prevista para 2018 e será assinada por Duca Rachid e Thelma Guedes, responsáveis por sucessos como “O Profeta”, “Cordel Encantado” e “Jóia Rara”, que ganhou em 2014 o Prêmio Emmy Internacional (considerado o Oscar da televisão mundial) na categoria de melhor telenovela.

* Informações atualizadas em 21/07/2017.

■ Por *Jéssica Almeida e Richard Günter*

Fontes: BBC Internacional, BBC Brasil, O Globo, G1, Europa Commission, Aljazeera, Google.org, ONU, Unicef.

O MARAVILHOSO MU

Projeto *Cineclube nas Escolas* promove análise da linguagem cinematográfica e a produção com alunos e professores



ANDO DA SÉTIMA ARTE

Não há como negar que as séries televisivas e os filmes disponibilizados por *streaming* se tornaram uma febre no mundo todo. Aqui na Revista Appai Educar diversas matérias já foram abordadas,

como as leis educacionais que incluem o cinema no currículo escolar primário na Argentina, dicas de filmes para estudar história no vestibular, além de sugestões de orientação pedagógica para trabalhar o pensamento crítico em sala de aula, utilizando longas-metragens, seriados e novelas. Após essa divulgação, o professor-associado da Appai José Leandro Cardoso entrou em contato com a redação e apresentou o seu projeto, que é um sucesso entre a garotada e os docentes!

José Leandro participa como professor articulador do “Cineclube nas Escolas” desde 2011, quando foram criados os dez primeiros Ginásios Experimentais Cariocas. O programa disponibiliza um acervo de filmes de curta e longa-metragem de produção nacional e livros sobre cinema, além de equipamentos para exibição (projetor, telão e som) e câmeras filmadoras para produção. O objetivo é que as escolas participantes atuem como espaço exibidor, estimulem a análise da linguagem cinematográfica e a produção com os estudantes.

O intuito da atividade é a apropriação da linguagem, tanto por professores, quanto por estudantes, mas experimentar é a palavra-chave. Os estudantes são estimulados a brincar com as possibilidades de captação de imagens em diferentes planos e movimentos de câmera, a produzir seus roteiros e a realizar o trabalho em equipe.

Em geral, sobretudo por questões ligadas à faixa etária e à segurança dos alunos, as aulas ocorrem dentro do espaço escolar. As saídas de campo ocorrem quando há condições no entorno das escolas ou quando é disponibilizado o transporte para os locais de exibição e para os festivais que ocorrem na cidade, como o Anima Mundi e a Mostra Geração do Festival do Rio.

O projeto foi inspirado na experiência da Cinemateca Francesa em levar o cinema para as escolas, priorizando a abordagem como linguagem e objeto de estudo, integrado com as demais áreas do conhecimento. Criando, assim, a oportunidade de os estudantes terem acesso a produções que não estão disponíveis no circuito comercial e televisivo. Os professores recebem formação complementar para atuarem com a linguagem do cinema, através de cursos oferecidos em parcerias com produtoras e organizações da sociedade civil.

O “Cineclube nas Escolas” teve início no ano de 2008, no âmbito da Gerência de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ), gerenciada por Simone Monteiro e coordenada por Adelaide Léo, na primeira fase de implantação, e, atualmente, por Luciana Bessa. Foi implantado em cinquenta escolas e depois ampliado para as Escolas do Amanhã e para os GECs. Nesse momento, está presente em duzentas e setenta escolas, nos dois segmentos do Ensino Fundamental.

As escolas participantes estão distribuídas entre as onze Coordenadorias Regionais de Educação da cidade. Elas recebem o convite para participar e devem ter, pelo menos, um professor articulador e uma equipe de alunos monitores, bem como disponibilizar espaços para exibição e para as aulas.

Indagado sobre a importância dos alunos e professores aprenderem sobre a sétima arte, José



O filme "Caramuru, a invenção do Brasil" mostra uma visão da História das Navegações usando como recurso de entretenimento o riso, deixando uma forma mais leve e divertida para a garotada

Leandro é enfático: “Nesses anos atuando no projeto, tive a oportunidade de participar de cursos e eventos que contribuíram muito para a minha formação docente, sobretudo no que se refere ao trabalho em conjunto e à possibilidade de estabelecer parcerias com os colegas. Isso nem sempre é uma realidade na maioria das escolas. Os diálogos que a linguagem do cinema possibilita no espaço escolar são fundamentais para construir uma educação realmente integrada com a sociedade. Quando o professor leva o cinema para a sala de aula para ilustrar uma guerra medieval e cobra um questionário ou um resumo dos seus alunos, ele está limitando as imagens ao conteúdo da sua disciplina. A ampliação do uso dessa linguagem se dá a partir do momento em que os alunos são levados a olhar e pensar na abordagem, nos planos, nas escolhas, nas questões suscitadas e nos elementos narrativos do filme. As conexões com o conhecimento ganham outra dimensão. É preciso ouvir o que os estudantes viram e o que eles puderam apreender do que viram. A educação pode e deve ser feita com a participação efetiva deles. E o cinema ofe-

Os diálogos que a linguagem do cinema possibilita no espaço escolar são fundamentais para construir uma educação realmente integrada com a sociedade.

- José Leandro R. Cardoso

rece essa possibilidade, a ampliação do olhar e da visão que os alunos têm sobre o mundo. A percepção da sua realidade e das possibilidades de construção de conhecimento a partir das suas próprias experiências. A escola ganha outros sentidos e os diálogos entre professores e alunos são ampliados. Os resultados dependem de cada experiência”, finaliza.

Para Luiz Cláudio Motta, professor de Geografia da Escola

Municipal Grécia e de linguagem audiovisual da oficina de vídeo do Núcleo de Arte Grécia (NAG), o “Cineclube nas escolas”, que é um projeto criado pela Mídia da secretaria de educação, estimula o trabalho em grupo e traz para o aluno a responsabilidade de produzir sessões interativas. “Considero isso muito importante, já que sou cineclubista desde 2007. O “Cineclube Subúrbio em Transe” foi criado por mim e meus alunos do NAG, uma unidade de extensão da secretaria de educação do Rio de Janeiro. No ano seguinte foi criado o projeto “Cineclube nas escolas”, o que estimulou o trabalho em conjunto entre os dois projetos. Portanto, atividades como essa são muito importantes para a comunidade escolar”, aponta.



A atividade se dá a partir do momento em que os alunos são levados a olhar e pensar na abordagem, nos planos, nas escolhas, nas questões suscitadas e nos elementos narrativos do filme

Já Teresa Vitória Fernandes Alves, professora de História e regente de Sala de Leitura, acredita que trabalhar com o cineclubes na escola gera uma sensação de descoberta, tanto nos alunos quanto nos professores que se envolvem no projeto. “Reparar como nossos alunos conseguem perceber situações que passam despercebidas, no momento em que paramos para conversar, é o que realmente faz o trabalho crescer. O amadurecimento que eles deixam marcado em suas falas prova o crescimento de todos os envolvidos”, enaltece.

O projeto estabeleceu importantes parcerias ao longo desses anos, tanto para exibição (alguns cineclubes escolares são espaços exibidores de festivais e de lançamentos de filmes), quanto para a produção cinematográfica, sendo eles: Anima Escola; Imagens em movimento; Coletivo Cidadela; Cineduc; Taturana filmes; Cinead; Anima Mundi; Mostra Geração; Pequeno Cineasta; Visões Periféricas; Mostra Joaquim Venâncio (Fiocruz); Fife.

Aos professores que desejam aprimorar seus conhecimentos na sétima arte, seguem cinco obras indicadas pelo professor José Leandro:

Cinema e educação

Por Rosália Duarte (Editora Autêntica)

O olhar e a cena

Por Ismail Xavier (Editora Cosac & Naify)

O mestre ignorante

Por Jacques Rancière (Editora Autêntica)

A linguagem secreta do cinema

Por Jean-Claude Carrière (Editora Nova Fronteira)

A Hipótese-cinema

Por Alain Bergala (em francês, com tradução livre disponível em PDF)

* Confira a lista completa do acervo em:
www.cineclubesmerj.blogspot.com.br

■ *Por Richard Günther*

Cine Benjamim | Escola Municipal Benjamim Constant

Praça Marechal Hermes s/nº – Santo Cristo – Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21) 2263-3188

E-mail: embconstant@rioeduca.net

CEP: 20220-430

Prof. Articulador do Projeto: José Leandro Cardoso

Diretora: Adriana Almeida

Fotos cedidas pela escola

Tema Transversal / Folclore

ANARRIÊ DO CONHECIMENTO



A

través das expressões culturais das regiões do Brasil, alunos ampliam seus saberes e os materializam por meio da dança.

Conhecido como um dos países mais ricos em sua diversidade cultural, o Brasil possui uma história muito particular desenhada pelos povos de suas cinco regiões. Essa multiplicidade está presente em todos os entornos sociais, indo desde a língua falada em cada lugar, passando pela comida típica, trajes, costumes, até os muitos ritmos e danças. Para mostrar e vivenciar um pouco mais desse sortimento, alunos e professores do EBM – Educandário Baptista Moraes, localizado em Ramos, zona da Leopoldina carioca, realizaram o projeto *Significado das Danças*.

De acordo com a diretora Nizia Helena Barbosa Paiva, o objetivo do projeto foi de forma interdisciplinar levar os alunos a conhecer, através das pesquisas e do engajamento, os variados ritmos das danças folclóricas das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Alternando momentos de teoria e prática, as turmas da Educação Infantil e dos ensinos fundamentais I e II, sob a coordenação da equipe pedagógica formada por Regina Curopos e Roselaine Soares, em uma primeira fase realizaram atividades de estudo e análise de dados. Em seguida, já conhecendo um pouco mais da identidade cultural das regiões, os estudantes partiram para os ensaios, onde os alunos da Educação Infantil e os do Fundamental I praticaram com suas professoras de turma e a coordenadora Regina Curopos. Os alunos do Fundamental II ensaiaram durante as aulas de Educação Física, sob a orientação das professoras Carla Pires e da responsável por eventos Aline Barbosa Paiva.

Para abrir a atividade, que aconteceu na quadra da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, as crianças do **Pré-II** mostraram que gente miúda também tem muito gingado e conhecimento. Em grande estilo, ao som de “Menina bonita do laço de fita”. A professora Elioneide de Vasconcelos com sua **grande saia rodada**, cercada por seus alunos, retratou a riqueza da diversidade cultural brasileira.



Em seguida, ao som da música “Tic-Tic-Tac”, caracterizados pelos dois personagens centrais da festa popular de Parintins – o **Boi Caprichoso de cor azul** e o **Boi Garantido de vermelho** –, a turma do **1º ano** da professora Andressa Cristina levou a comunidade escolar e os familiares a um passeio pelas belezas naturais e culturais da região Norte, com a apresentação dessa dança folclórica, cujo ponto alto é a disputa entre os dois tradicionais bois.



Responsáveis pela apresentação do “Xaxado”, as crianças da **2ª série** da professora Iamonnã Baptista embalaram os passos da atenta plateia, ao som do clássico “Mulher readeira”. No palco, **“Lampião”** com seus chapéus enfeitados e **“Marias Bonitas”** com seus lenços bordados mostraram suas glórias das grandes batalhas, ornados de um toque de pura beleza e encantamento, refinado pelos figurinos criados nas aulas de Educação Artística.



Com uma sonoridade de origem indígena, permeado por um viés da cultura africana e elementos de Portugal, o ritmo acelerado do **Carimbó**, com suas batidas fortes e envolventes, marcou presença com o **3º ano** da professora Vanice Gonçalves. Envolvido pelo som da música “Pra dançar carimbó”, os alunos em duplas ditavam a alegria do ritmo. Enquanto os meninos marcavam a batida com pisadas fortes no chão, as meninas giravam suas saias estampadas em volta deles demonstrando toda a graciosidade da dança típica da região Norte, originada em Belém do Pará.



Já o **3º ano** da professora Elaine Duarte homenageou a região Centro-Oeste, com a dança folclórica “**Siriri**”, relembrando as brincadeiras indígenas de forma lúdica e descontraída, ao som da música que leva o mesmo nome da dança.

Em grande estilo sulista, as crianças do **4º ano** da manhã da professora Karina Vasconcelos reverenciaram a árvore enaltecendo ainda mais a festa. Com um grande mastro enfeitado de longas fitas multicoloridas presas ao seu topo, meninos e meninas faziam uma grande roda com movimentos em ziguezague, trançando e destrançando as fitas, nas batidas da música **“Baile no meu rincão”**.



Ainda na região Sul, a música **“Balainha”** entoou os passos da turma da professora Marize Valerias, da mesma série, só que do turno da tarde. A presença dos arcos floridos foi a introdução para a apresentação da **“Dança da Bailarina”**, típica manifestação da região, com origem europeia, trazida para o Brasil pelos portugueses. Através da simbologia dos arcos, que remete à beleza das flores e à fertilidade dos bons frutos, os alunos davam as boas-vindas à nova florada de esperança e integração.



Um dos pontos altos da culminância foi a apresentação rítmica dos **estudantes do quinto ano**, dançando frevo. Durante o número, os alunos deram um *show* à parte demonstrando conhecimento, técnica e equilíbrio com suas sombrinhas abertas enquanto dançavam com suas roupas, tudo muito colorido. Ao final, familiares e a comunidade escolar aplaudiram de pé os pequenos malabaristas do ritmo pernambucano, ao som eletrizante de **“Banho de cheiro”**.





Familiarizados com o estilo, o **6º ano** homenageou região Sudeste com muito samba no pé. Ao som do enredo liberdade, **“Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”**, da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, os alunos sambaram e reviveram um dos clássicos da tradicional agremiação, com direito a coreografias das passistas, mestre-sala e porta-bandeira ensaiados pela responsável pelos eventos Aline Barbosa Paiva e a professora Carla Pires.



Em alta, aproveitando as aparições da personagem Ritinha, da novela das 21 horas, **o Carimbó**, dança de origem indígena, também foi o tema escolhido pela turma do **8º ano**. Cumprindo à risca o figurino, as meninas dançaram com suas saias longas floridas e adornadas por suas pulseiras, colares e enfeites no cabelo. Já os meninos desfilavam suas calças brancas (estilo bermuda) com a bainha dobrada e blusa florida e os pés descalços. Além da graciosidade e do gingado do ritmo, a turma dividiu com a plateia parte da cultura da rica região Norte, mais precisamente do Pará.

Para fechar o evento, o 9º ano preparou uma apresentação bastante eclética, misturando sons e ritmos. Com muita alegria e irreverência, os alunos fizeram um convite para que todos os familiares se juntassem a eles, numa demonstração de integração e continuidade entre a família e a escola. Uma grande quadrilha junina formou-se no centro da quadra levando alegria e reafirmando a força da união entre pais, alunos e professores dentro e fora da sala de aula. Para a diretora Nizia Helena Barbosa Paiva, “a experiência vivenciada

pela comunidade escolar valorizou, sobretudo, o respeito pela pluralidade cultural regional do país e do cidadão”, finalizou, com a certeza do dever cumprido.

■ *Por Antonia Lúcia*

EBM – Educandário Baptista Moraes

Rua Régio, 286 – Ramos – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21060-030

Tel.: (21) 2561-7880

E-mail: ebm.matriz@gmail.com

Fotos: Antônia Lúcia

CIDADE DAS ARTES

Imponente e moderno projeto arquitetônico do francês Christian Portzamparc, com suas velas de concreto içadas entre o mar e as montanhas da Zona Oeste carioca, a Cidade das Artes já é um marco. Tornou-se ponto de referência na cidade por seu desenho arrojado e por levar a uma região carente de espaços para apresentações artísticas de qualidade um polo cultural que oferece, entre outras instalações, uma das mais bem equipadas salas de espetáculos da América do Sul.

Um importante espaço de difusão cultural é a sala de leitura, montada para atender a população com acervo impresso e virtual e realizar ações envolvendo leitura, livros, além de arte e educação. As atividades, que são gratuitas, ocorrem em todos os espaços livres da Cidade das Artes, com contação de histórias, saraus poéticos, encontros com autores e ilustradores e troca de livros. A ideia é abrir as portas para a população de todas as idades e níveis sociais. A sala de leitura é totalmente informatizada e, além de livros, oferece DVDs e CDs para consulta.



A Fundação Cidade das Artes, por meio de seu programa de Arte e Educação, apresenta um leque de atividades literárias e artísticas destinadas às crianças e jovens das escolas, às famílias e a participantes individuais, como:

Visitas guiadas



Com um prédio premiado por sua arquitetura, a Cidade das Artes tem um projeto especificamente para apresentar sua construção e suas curiosidades arquitetônicas aos interessados, além de visitas guiadas a exposições temporárias.

Sala de leitura

Espaço público de leitura, com acervo de literatura, artes e periódicos, em suporte impresso ou digital, preparado para receber crianças, jovens e adultos. A sala contém um conjunto com mais de 4.500 títulos, onde os leitores podem fazer, mediante inscrição, os empréstimos de livros. O local também é reservado para estudos e pesquisas, com computadores e rede *wifi*.



Cine Artes

Exibições de filmes que homenageiam a cada mês um diretor, ator ou tema relevante da história da sétima arte. Em algumas sessões, há debates com o diretor do filme exibido ou especialistas da área do audiovisual.



Projeto Cidade Literária

Consiste na realização de atividades culturais, tendo como eixo principal os textos literários em diálogo com outras linguagens artísticas. A programação promove encontros com escritores e ilustradores, narradores de histórias, oficinas de textos, saraus poéticos e musicais, exibição de filmes e peças baseados em textos literários, troca de livros, lançamentos e espetáculos musicais.

Livro fora da estante



Uma ideia que tem por objetivo o intercâmbio de obras. Os leitores podem levar um livro de literatura e trocá-lo por outro nas mesas de trocas.

■ Por Richard Günter

Cidade das Artes

Av. das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22793-080

Tel.: (21) 3325-0102

E-mail: cidadedasartes.contato@gmail.com

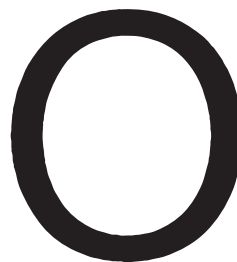
Horário de funcionamento: terça a domingo, de 10 às 18 horas

Literatura

TODOS OS CAMINHOS LEVAM À I FLIMALU

Feira literária contra o
“calcanhar de Aquiles”





que um álbum de fotografias com desenhos tem a ver com uma feira literária? Hum... muita coisa!!! Pois o trabalho, na realidade, é uma interpretação que estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Barbosa Santos, no bairro do Fonseca, em Niterói, fizeram sobre “O Calcanhar de Aquiles”, do escritor e cartunista Ziraldo, inspirado em um herói mitológico grego. Esta foi uma das atividades oferecidas, junto com

literatura de cordel, poesias, declamações feitas pelos alunos, muita contação de histórias e exposição de murais, que compuseram a I FliMalu – primeira Festa Literária da escola.

A proposta do evento não se encerra nesta atividade, segundo a direção da escola. Muito pelo contrário, foi somente o começo. O foco é potencializar a leitura e a escrita dos alunos, além de instituir a cultura de valorização da produção literária. Com o evento, a Sala de Leitura Monteiro Lobato passou a ter um novo *status*, convidando à leitura, interação, valorização, acolhimento. Este é o “calcanhar de Aquiles” a ser superado e que foi identificado pelo corpo docente como foco do projeto deste trimestre.

A E. M. Maria de Lourdes Barbosa Santos vem investindo na pedagogia de projetos, que vêm acumulando, ao longo de quase dois anos de trabalho, experiências importantes. É o que revela a supervisora educacional Silvana Malheiro do N. Gama: “A I FliMalu é fruto desta pedagogia, que aproxima professores de propostas interdisciplinares, num trabalho coletivo que envolve alunos e docentes com trocas ricas”. Para ela, esta atividade possibi-





Durante a culminância do projeto os alunos participaram de diversas atividades. Dentre elas exposição de pinturas e desenhos que representavam os personagens estudados



lita o desenvolvimento de processos, a percepção do conjunto da ação. “Deixa de ser ‘minha turma’, para ser ‘nosso projeto’”.

Para a realização da I FliMalu, a diretora Rozane Pereira contou com importantes parcerias, palestras com poeta cordelista (que fez rimas que deixaram as crianças encantadas), bazar amigo, contação de histórias realizada por professores que vão às escolas desenvolver o incentivo à leitura. “Temos muita gente na rede municipal que é fantástica. São profissionais que desempenham um trabalho lindo. Não só os alunos gostaram, mas os pais também prestigiaram”, destacou, enfatizando a entrada de um novo segmento na escola, as turmas do EJA – 1º, 2º e 3º anos –, no horário noturno, cuja primeira turma fora iniciada em 2016. O painel com a produção da classe indicava a primeira participação, promovida pelas professoras Vicentina e Kelly, em um evento diurno.

Após definidas as prioridades pelo corpo docente, desenvolveram o planejamento em suas séries, com a indicação dos autores a serem homenageados. Levaram a proposta aos alunos, incluindo o debate sobre a eleição de um nome para ser o patrono da sala de leitura. Os conteúdos programáticos permearam todo o projeto.

A professora do 4º ano, Verônica Soares, buscou resgatar o lado “infantil” das crianças. Na sua opinião, “elas estão perdendo a infância muito cedo”. Por isso, ela optou pelo nome de Maurício de Sousa. Pois, para esta professora, é importante que as crianças ainda tenham tempo para o seu “Cebolinha”, o seu “Cascão”, a sua “Monica”. “Elas precisam aces-

sar o seu lúdico”. Entre as músicas, Verônica trouxe para a roda a “Arca de Noé”, de Vinícius de Moraes, e “Aquarela”, de Toquinho. Letras, sons, percepções, imagens, sonhos, foram trabalhados nesse imaginário cada dia mais denso de crianças que deveriam ser tenras, mas que a vida deixa tensas.

Michelle Ribeiro, do 1º ano, mexeu com as curiosidades dos animais da “Arca de Noé”. E foram muitas idas e vindas com vídeos, contação de histórias, pesquisas na internet e em livros para responder as muitas perguntas. Principalmente, quando foram conhecer as biografias dos autores, saber um pouco de suas histórias, de suas obras, ver seus rostos. Verônica lembrou que as crianças fizeram até um rap, o “rap do Cascão” que “ficou bem criativo”. Já a professora Ana Cristina Quiares, do 1º ano, desenvolveu,



Declamações feitas pelos alunos e muita contação de histórias completaram a I Festa Literária da escola

entre outras coisas, a expressão corporal. O som das palavras, a conformação gráfica das poesias. Explicava o que eram versos, quantas frases o compunha – trabalhava, portanto, numerais. Ou seja, olha a temida matemática no meio da poesia! Afinal, ela pôde ser desmistificada poeticamente.

Em certa medida, foi o que ocorreu com Rodrigo, 8 anos, 3º ano, que desmistificou a leitura, de forma lúdica. “Meu filho lia muito pouco, tinha dificuldades. Ele tem mudado muito e foi graças à escola, ao trabalho das professoras”, disse Eliane Goes. Participativa da vida escolar do filho, Eliane acompanha as reuniões dos pais e afirma que é nesses encontros que busca aprender como lidar com suas limitações para incentivar o filho a gostar de estudar, tendo que se equilibrar no cuidado de seus outros dois filhos e as obrigações e afazeres domésticos, que não são poucos.

A escola levou os alunos a uma feirinha de livros onde o menino comprou 10 livrinhos, “baratinhos”. “Ele gostou tanto, que lê para o irmão mais novo e virou ídolo do pequeno. E toda hora lê. A caçula também gosta de escutar as histórias”, disse, acrescentando que o rendimento escolar de Rodrigo melhorou bastante. “Bilhete” de Mário Quintana foi o primeiro texto trabalhado por Kelly Perrout, no curso noturno, com sua turma do EJA – 2º e 3º anos. A escolha desta poesia seguiu alguns critérios: estar no livro didático, frases curtas para facilitar a assimilação e a reflexão pode ser relacionada à vivência do discente. De acordo com a professora, a questão da dor é muito forte para eles, pois são adultos. “Busco explicar-lhes que esta dor, de estarem sofrendo as consequências de situações adversas hoje, está relacionada com situações ante-

riores, das quais, muitas vezes, eles não tinham domínio. Em princípio, o fato de estarem aqui mostra que estão caminhando, seguindo a vida”. Mas, para ela, o importante é que eles conheçam sua própria história; que possam desenvolver relatos biográficos; se reconhecer como cidadãos; protagonistas, com voz ativa. “É com isso que eu tenho de trabalhar, o que vai para além dos conteúdos”.

■ *Por Sandra Martins*

Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Barbosa Santos

Rua Leite Ribeiro, 120 – Fonseca – Niterói/RJ

CEP: 24120-210

Tel.: (21) 3602-4150

E-mail: rozaneceu@gmail.com

Diretora-geral: Rozane Celeste da Silva Pereira

Fotos: Marcelo Ávila

Entrevista

CORRENDO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

Professor une suas duas paixões e faz a diferença na vida dos alunos



O professor acorda cedo, dá aula em mais de uma escola, corrige provas e trabalhos, oferece conselhos e ensinamentos para os alunos, se dedica para melhorar seu desempenho em sala de aula e alguns exercem até outras profissões. É uma verdadeira correria no dia a dia. E em alguns casos essa “maratona” acontece dentro e fora da sala de aula. Um exemplo disso é Carlos Eduardo Menezes, que, além de professor, é maratonista. Mas, afinal, como ele consegue conciliar essas duas paixões? A Revista Appai Educar conversou com o educador, que conta como o diferencial das suas aulas fez com que ele concorresse a uma vaga para disputar a maratona de Berlin, uma das maiores do mundo. Confira:



Revista Appai Educar: Qual o diferencial das suas aulas?

Carlos Eduardo: Eu exerço atividades em mais de uma escola: Colégio Santa Mônica, Sociedade Educacional Ramos Pinto, GAU (Grupo de Aplicação Universitária) e Colégio Prioridade Hum. Tento levar minhas aulas da maneira mais espontânea e próxima da realidade dos alunos. Ensinar geografia não é uma tarefa muito fácil. Usar o vocabulário correto, ser dinâmico, trazer o dia a dia para dentro da sala de aula contribui muito para despertar o interesse no aprendizado. Essa é a minha missão, formar curiosos, despertar o gosto pelo conhecimento.

RAE: Você realiza algum projeto durante o ano letivo? Conte detalhes.

Carlos: Costumo desenvolver alguns trabalhos, como a corrida de rua e a incluo em minhas aulas, mas além disso tenho outras paixões e o carnaval

é uma delas. Sempre faço uma semana com aulas extraídas de sambas-enredo e geralmente naquele bimestre aplico uma prova com 100% do conteúdo obtido de outros que já brilharam na Marquês de Sapucaí. Mas o que eu gostaria de destacar são as aulas que faço ao ar livre, mais especificamente na Barra de Guaratiba, quando levo os alunos para um trabalho de campo, onde todos subimos em pranchas de *stand-up* para conhecer um pouquinho dos manguezais de nossa cidade.

RAE: Qual o objetivo desse trabalho?

Carlos: Fazer com que os alunos consigam perceber a importância desse sistema tão frágil para a preservação da vida marinha e reprodução de espécies aquáticas e que foi tão devastado no nosso litoral.

RAE: Em quais turmas você desenvolve esse trabalho?

Carlos: Por ser uma aula diferente, que requer um



O professor Carlos Eduardo também participou de uma entrevista para o programa **Talento A+** da **TV Appai**. Para assistir, acesse: [youtube.com/user/appairj](https://www.youtube.com/user/appairj)

grau maior de cuidado, já que literalmente entramos nos canais onde remamos por mais de uma hora, a aula é feita com alunos de Ensino Médio. Geralmente consigo misturar todas as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano.

RAE: Quais os resultados obtidos?

Carlos: Primeiramente sair da sala, sair do tradicional quadro, caneta, cópia, fazer exercício... já é algo muito esperado pelos alunos. Levá-los para dentro de um sistema vivo, onde eles percebem a importância de cuidar, de preservar, de que sejam criadas políticas públicas que mantenham aquele ambiente em funcionamento, faz com que extrapolem e reconheçam a importância de se conservar por exemplo a Mata Atlântica, o Cerrado e a Floresta Amazônica. Falamos muito em preservação, mas por que preservar? Às vezes os alunos não conseguem dimensionar isso e, quando eles vão a campo, quando eles observam a poluição, as ações antrópicas sufocando a natureza, isso acaba despertando um sentimento de que a responsabilidade também é nossa.

RAE: Na sua opinião, qual a importância de oferecer aulas lúdicas para os alunos?

Carlos: O aluno tem uma vontade de aprender fora do comum, e o que precisamos é encontrar as ferramentas certas para despertar esses interesses. O mundo moderno tem muito a oferecer, e uma aula tradicional acabou se tornando algo desinteressante, pois muitas vezes o professor quer ser o centro das atenções, quando na verdade esse papel é do conhecimento. Aprender é o que mais importa, e quando o aluno é estimulado a adquirir conhecimento podemos propor diversas atividades em que ele vai aprender brincando, fazendo coisas do seu cotidiano. Isso para o estudante é libertador!

■ *Por Jéssica Almeida*

Fotos cedidas pelo professor

Web

ROLOU NA WEB



Pra onde você leva a Revista Appai Educar?

Veja **quem apareceu** na Revista Appai Educar. Quer participar também? **Tire uma foto** com a sua revista num lugar bem legal, publique no seu Facebook e/ou Instagram e marque a **hashtag #appaieducar**. Os mais criativos poderão aparecer nas próximas edições. As fotos recebidas após o fechamento da revista entrarão na versão on-line dessa edição.



Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“A revista 105 está demais. Parabéns a toda a equipe de produção/jornalismo/edição.

Cada vez mais enfatizando temas muito relevantes e atuais. Sou fã! E ainda podemos contar com a versão on-line. Um luxo!!” – **Maria De Fatima Queiroz**, via **Facebook**.



“Obrigada! Pensaram em mim! A revista deste mês me representa.” – **Jovania Carvalho**, via **Facebook**.



“Aquele momento em que você se depara com uma revista totalmente inovadora,

que ressalta a importância da mulher em vários aspectos e seu empoderamento. Estou orgulhosa de vocês!” – **Jussara Pereira**, via **Instagram**.

As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube – youtube.com/appairj

APLICATIVO A FAVOR DA INCLUSÃO!

O *Hand Talk* já transformou a vida de milhões de surdos pelo país

Em um de seus plantões, o médico Davi Freitas, que trabalha na emergência de um hospital no interior de Alagoas, recebeu uma menina de 13 anos aos prantos e muito agitada. A mãe da garota disse que ela havia acordado daquela forma e não conseguia descobrir o que estava acontecendo, pois a filha era deficiente auditiva. Davi lembrou do Hugo, o intérprete virtual do aplicativo *Hand Talk*, que traduz de português para Libras (Língua Brasileira de Sinais). Utilizando o aplicativo na consulta, Davi foi acalmando a menina e ela conseguiu explicar que era a pior dor de cabeça que já tinha sentido na vida. Ele percebeu pelos sintomas que poderia ser um caso mais grave e imediatamente receitou analgésicos e a encaminhou para uma tomografia. Nos exames foi detectado um sangramento intracraniano que precisava de cuidados no serviço especializado em neurologia. Nessa mesma unidade a pequena recebeu o tratamento e saiu sem nenhuma sequela. “Deu tudo certo graças ao diagnóstico rápido, com a ajuda do aplicativo. Serei eternamente grato ao Hugo!”, enalteceu o médico.

Essa foi uma das muitas histórias emocionantes em que o aplicativo *Hand Talk* fez toda a diferença. Criado em 2008, o *app* já foi baixado por mais de um milhão de pessoas e teve início com um projeto de faculdade que Ronaldo Tenório idealizou quando percebeu que poderia unir duas de suas paixões – Tecnologia e Comunicação – para resolver um problema global e ajudar milhões de pessoas. Ele conta que a ideia ficou guardada por quatro anos, até que ganhou “cara” em 2012, quando ao lado de mais dois amigos, hoje sócios, Carlos Wanderlan e Thadeu Luz, resolveram pôr em prática uma solução em um desafio de *start-ups*, no qual foram campeões.

O reconhecimento da solução como inovadora e acessível veio de várias partes do mundo. Foram dezenas de prêmios, entre eles o de Melhor Aplicativo Social do Mundo em 2013, entregue pela ONU (Organização das Nações Unidas), no World Summit Mobile Award, em Abu-Dhabi. Na ocasião, a *Hand Talk* concorreu com cerca de 15.000 aplicativos de mais de 100 países.





Existem mais de 360 milhões de deficientes auditivos no mundo

Segundo a Organização Mundial da Saúde, atualmente há mais de 360 milhões de deficientes auditivos no mundo. No Brasil, esse número é de quase 10 milhões de pessoas – cerca de 5% da população brasileira, de acordo com o CENSO 2010 do IBGE.

Uma realidade ainda mais impactante quando sabemos que 70% dos surdos no Brasil têm dificuldades de compreender o idioma do país. Por serem alfabetizados em Libras e pelo fato de o português ser uma língua basicamente fonética, seu aprendizado se torna mais difícil.

Mas, afinal, como funciona o *Hand Talk*?

O aplicativo é um tradutor de bolso usado como um recurso de tradução para Libras. O *app* é gratuito e está disponível para *tablets* e *smartphones*, nos sistemas Android (na Play Store) e iOS (na App Store). “Hoje, ele também é destaque nas principais lojas de *apps* do país e, graças a uma parceria com o MEC, também está presente em milhares de *tablets* da rede pública de ensino, auxiliando na educação de alunos surdos por todo o Brasil”, ressalta Ronaldo. Além disso, Hugo (o intérprete virtual 3D do *app*) também está presente em uma sessão educativa chamada “Hugo Ensina”, com uma série de vídeos que apresentam a crianças e adultos expressões e sinais em Libras.



Sites acessíveis

Como a maioria dos surdos tem dificuldades em compreender o português e a internet está praticamente *offline* para uma boa parcela da população, Ronaldo resolveu adotar o Hugo como tradutor em um *website*. “Levando acessibilidade a milhares de páginas de internet ao mesmo tempo, de forma simples e prática, o tradutor de sites é representado por um botão de acessibilidade que fica do lado direito da tela. Quando ativado, o Hugo traduz automaticamente para Libras os textos selecionados pelos visitantes. Esses espaços acessíveis passam a abrir portas para milhões de pessoas, que até então não eram alcançadas por aquele conteúdo. Com isso, o surdo ganha autonomia para obter informação e conhecimento na *web*”, explica Ronaldo.





Movimento “Site Amigo do Surdo”

Com a intenção de estabelecer uma aproximação ainda maior entre a comunidade surda e as organizações, nasceu o Movimento “Site Amigo do Surdo” – uma iniciativa da *Hand Talk* em prol da acessibilidade na internet, agrupando e categorizando todos os *sites* acessíveis em Libras com o Hugo em um único buscador, o “Google do surdo”. Acessando www.amigodosurdo.com, é possível encontrar diversas categorias entre páginas de serviços, *shoppings*, restaurantes, *e-commerces* etc. – todos acessíveis em Libras. O *site* Amigo do Surdo oferece mais facilidade para a comunidade e surge como uma vitrine segmentada para as organizações acessíveis.

Libras: a segunda língua oficial do Brasil

Desde 2002, Libras é tida como segunda língua oficial do Brasil e, em janeiro de 2016, a LBI – Lei Brasileira de Inclusão – entrou em vigor, sancionando diversas ações para a acessibilidade de todos os tipos de deficiência, dispondo em um de seus artigos que:

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da Internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente.



■ *Por Jéssica Almeida*

Fonte: Mídia Kit do Hald Talk, disponível na página oficial (handtalk.me).

SUMÁRIO

02 OPINIÃO

A gestão das escolas como empresas

Criar é ler o mundo com os olhos de criança

04 MATEMÁTICA

Matemática e *games*? Eis a questão!

08 TECNOLOGIA

App... Um caminho sem volta

16 LÍNGUA PORTUGUESA

O que esperamos para daqui a 50 anos?

26 ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Um novo olhar

44 ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA / AUDIOVISUAL

O maravilhoso mundo da sétima arte

60 ENTREVISTA

Correndo dentro e fora da sala de aula

63 WEB

Rolou na web

CAPA

A ilustração ao lado enquadra-se no gênero hiper-realista e foi criada pelo artista português Samuel Silva, que demorou quase 150 horas para finalizá-la, ao longo de um período de 8 meses. A imagem é 100% original, realizada a partir de muitas referências, sem partir de uma imagem ou foto específica. Em todo o trabalho foram utilizadas 8 canetas BIC.



FLORES EM VEZ DE MÍSSEIS

Cultura de paz promove mensageiros da tolerância, da solidariedade e do diálogo



O PESO DA MELANINA NA ESPÉCIE HUMANA

Projeto discute a importância da educação para o combate ao racismo institucional



ANARRIÊ DO CONHECIMENTO

Alunos ampliam seus saberes e os materializam por meio da dança



Com a

APP AI

a sua **PROGRA**

MAÇÃO está

GARAN

TIDA!

Nº
13

+ mais
appai

PROFESSOR



Este ano, estreando no PAVILHÃO AZUL, o principal da Bienal, a Appai preparou 10 dias de intensa programação para você curtir e dividir conhecimentos. Serão mais de **60 professores** autografando seus livros e trocando ideias sobre os mais variados temas, com um **estande totalmente interativo** para que você conheça um pouco mais sobre a Appai, através de **jogos, quiz e muita diversão.**

E para que tudo isso vire aquela **selfie**, a Revista Appai Educar vai fazer de **você capa da edição!** Ficou curioso? Quer saber como?

**VISITE NOSSO
ESTANDE J06 E
DESCUBRA!**

PROGRAMAÇÃO

	Quinta 31 AGO	Sexta 01 SET	Sábado 02 SET	Domingo 03 SET	Segunda 04 SET	Terça 05 SET	Quarta 06 SET	Quinta 07 SET	Sexta 08 SET	Sábado 09 SET	Domingo 10 SET
09:00											
10:00											
11:00				Lançamento	Álvaro Ottoni		Julio Emilio Braz				Lançamento
12:00			Lançamento					Lançamento	Lançamento	Lançamento	
13:00				Lançamento	Lançamento		Lançamento				Lançamento
14:00								Lançamento	Lançamento	Lançamento	
15:00			Lançamento Marta Relvas	Lançamento	Lançamento		Lançamento				Lançamento
16:00		Lançamento	Lançamento					Lançamento Sandro Gomes	Lançamento	Lançamento	
17:00				Lançamento	Lançamento		Lançamento				Lançamento
18:00		Lançamento	Lançamento Sandro Gomes						Lançamento	Lançamento Sandro Gomes	
19:00								Lançamento			
20:00									Lançamento		
21:00											
22:00											

*grade sujeita a alteração

LANÇAMENTOS

O colunista do blog da Appai e revisor da Revista Appai Educar, **SANDRO GOMES**, convida você para participar do lançamento do livro **CULTURA BRASILEIRA NA REDE** no estande da Appai na Bienal.

SETEMBRO

- 02 – 18h
- 07 – 16h
- 09 – 18h

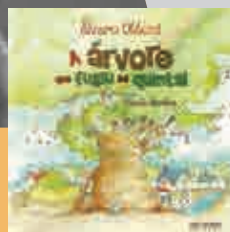


02/09 - 14h



MARTA RELVAS
é professora com doutorado em psicanálise e especialista em neurociência.

04/09 - 11h



ÁLVARO OTTONI
é educador e escritor com mais de 20 livros publicados voltados a jovens e crianças.

06/09 - 11h



JULIO EMÍLIO BRAZ
é professor e escritor, vencedor de prêmios literários na Áustria, Suíça e Alemanha.

VOCÊ SABE O QUE É ISIS?

FONTE DE ATAQUES TERRORISTAS, GRUPO
FUNDAMENTALISTA JÁ DEIXOU MILHARES
DE VÍTIMAS NO ORIENTE MÉDIO.

Foto: Arquivo UNRWA



Sem uma data prevista para o fim dessa tragédia humanitária, a **Revista Appai Educar** explica o que você precisa entender sobre essa guerra civil que afeta o mundo todo.

Garanta o seu exemplar no estande da Appai na Bienal do Livro.

É GRATUITO!



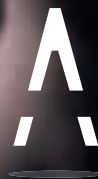
TALENTOS A+

UM PROFESSOR QUE
TAMBÉM É MÚSICO, QUE
É ATLETA, QUE É ATOR.
NESTE PROGRAMA
VOCÊ CONHECE OS
PROFESSORES QUE TÊM
UM TALENTO A MAIS!

PROFE AGORA VO CANAL DE

Acesse e conheça a progra
youtube.com/appairj

talentos



a mais

**PROFESSOR
CURIOSO**

PROFESSOR, VOCÊ TEM UM DICADO A VOCÊ.

mação da TV APPAI.



PROFESSOR CURIOSO

VOCÊ CONHECE A VERDADEIRA HISTÓRIA SOBRE O MORRO DO CASTELO? SABE AONDE FOI PARAR O PRIMEIRO CORETO CONSTRUÍDO NO RIO DE JANEIRO? O PROFESSOR CURIOSO TRAZ UM POUCO DAS HISTÓRIAS DIVERTIDAS QUE MUITA GENTE NÃO CONHECE!

SAIBA COMO USAR O BENEFÍCIO BOM ESPETÁCULO



e aproveite ao máximo todas as vantagens



Meus dependentes também precisam realizar as inscrições?

Sim. A inscrição para utilização do benefício é individual. Por isso, se os dependentes quiserem assistir a mesma peça terão que se inscrever também.

No dia da peça, posso retirar os ingressos dos meus dependentes?

Não. A retirada do ingresso é individual.



Não me inscrevi, posso me inscrever depois da confirmação de inscrição do meu familiar?

Os não inscritos não devem comparecer ou realizar a pré-inscrição posteriormente ao recebimento das confirmações das inscrições de familiares, sob o risco de permanecerem na fila de espera por conta da ordem de inscrição.



Mantenha o e-mail e o celular atualizados, para receber a confirmação de inscrições nas peças do benefício.

SOCIAL

SAÚDE

EDUCAÇÃO

appai

PROGRAMAS
E PROJETOS

LAZER

